

Vote Lula, por um novo rumo para o Brasil

A esquerda e a oposição saem fortalecidas das eleições de 6 de outubro. O PT e o PCdoB obtiveram votações históricas. Lula recebeu 39.443.765 votos, 46,4% dos 84.928.134 válidos. Já o candidato do governo, José Serra, não chegou à metade da votação do principal candidato da oposição, com 19.700.395 eleitores.

A taxa de renovação da Câmara dos Deputados ficou em cerca de 47%: das 513 vagas, 240 serão ocupadas por parlamentares que não estão na atual legislatura. Do total, mais de 180 são oposicionistas, enquanto a bancada que formou a base de sustentação do governo diminuiu. Também no Senado ocorreram modificações significativas e favoráveis à oposição. Foram disputados 2/3 das 81 cadeiras, com taxa de renovação de quase 50%. Dos 54 novos senadores, 10 são do PT, 4 do PDT, 3 do PSB, 2 do PL e 1 do PPS - partidos que disputaram com a coligação governista. Nos pleitos estaduais, a oposição ficou com sete governos no primeiro turno e disputa nove no segundo, inclusive de estados de grande concentração eleitoral, como São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Pará.

Ficou demonstrado de forma cabal que os brasileiros compreenderam que o caminho atualmente trilhado pelo país é desastroso e desejam mudar a política imposta pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. O povo pretende construir um novo destino, com dignidade nacional, participação nas decisões do país e novos métodos políticos. A orientação econômica de FHC favoreceu uma minoria que ganhou muito com a alta dos juros e a especulação com a moeda. Essa orientação sacrificou a ampla maioria da população, que quer um novo rumo, de desenvolvimento, geração de empregos, atendimento às necessidades básicas de saúde, educação, transporte, salários dignos etc.

Ampliar a aliança política e social

A situação de grave crise econômica tem implicações políticas que fornecem as bases objetivas para a ampliação da aliança política e social que poderá garantir a vitória de Lula no dia 27. Setores ainda mais extensos dos trabalhadores, das camadas médias da população, dos empresários, dos intelectuais, dos militares podem ser unificados em torno do projeto nacional do novo governo, de retomada do crescimento, de fortalecimento do mercado interno, de geração de empregos, de ampliação da democracia.

A expressiva votação da Coligação Lula Presidente demonstrou ser ela o esboço principal do anseio mudancista. Lula é o único candidato em condições de unir a maioria dos brasileiros em torno de um novo projeto, de um novo rumo para o Brasil. Para garantir a vitória na importante batalha do segundo turno a Coligação deve reafirmar, portanto, seu programa de mudança, em defesa do Brasil, da democracia e dos direitos do povo.

O segundo turno ocorrerá também para os governos do Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Sergipe, Ceará, Pará, Amapá - estados em que o PCdoB integra as coligações que estão na disputa. Nos estados em que o Partido não participa da disputa do segundo turno, ele apóia os candidatos que venham a se comprometer com a Coligação Lula Presidente. O PCdoB tem a compreensão de que a luta por esses governos, sua conexão com a campanha presidencial de Lula e, com a vitória oposicionista, a relação das administrações estaduais com o governo federal desempenharão papel fundamental na implementação das políticas que construirão o Brasil democrático, progressista, soberano, com vida digna.

O Partido Comunista do Brasil participa desde 1989, juntamente com o PT, do núcleo político que busca a saída democrática, popular e progressista para os impasses enfrentados pelo Brasil. Nunca, em toda a história do país, a possibilidade efetiva da vitória desse projeto esteve tão próxima. Os comunistas devem multiplicar ainda mais seus esforços para garantir vitórias democráticas nos estados que disputam o segundo turno e a eleição de Lula presidente.

Crescer e fortalecer o Partido

No primeiro turno a atuação do Partido Comunista foi vitoriosa. Elegeram 12 deputados federais, 17 deputados estaduais e o vice-governador do Piauí. Para a Câmara Federal (candidatos e legenda), o PCdoB totalizou 1.967.135 votos, alcançando 2,25% dos 87.532.533 votos válidos. Para o Senado, somou 6.185.951 votos. Wagner Gomes, em São Paulo, alcançou quase 3,5 milhões de votos; foram obtidos 17% dos votos no Distrito Federal e 13% na Bahia, entre outros bons desempenhos. Mesmo onde não foram eleitos parlamentares comunistas, como é o caso de Alagoas e Paraíba, a candidatura ao Senado do PCdoB, recebeu votação expressiva. Entre senadores, deputados federais e estaduais, o



PCdoB totalizou 9.281.543 votos.

Neste segundo turno, ao lado da participação ativa na conquista do voto para a Presidência da República e para os candidatos das coligações em que participa, a militância comunista empenhará esforços para fortalecer o Partido. O PCdoB deve multiplicar os laços que o une ao movimento dos trabalhadores, ao movimento sindical, da juventude e as entidades sociais, elevando a consciência e organização do povo.

No esforço derradeiro da campanha eleitoral, os comunistas devem estender a organização partidária a todos os recantos, filiando dezenas de milhares de novos militantes, constituindo centenas de novos

comitês nos municípios, proliferando a inserção das bases comunistas.

Este outubro histórico é uma oportunidade extraordinária para o PCdoB alcançar um novo patamar em sua existência. Está colocado o desafio de filiar, organizar novas bases, estruturar novos comitês e consolidar os já existentes. Onde os candidatos comunistas foram eleitos, a militância deve agradecer a confiança dos eleitores. Onde não foi possível a conquista do mandato, a militância deve somar-se à comemoração da vitória alcançada pelo povo brasileiro neste primeiro turno. Os comitês de campanha devem permanecer ativos na batalha do segundo turno. Pequenas militâncias devem ser organizadas, para

planejar as tarefas do embate político-eleitoral e, no seu seio, fortalecer as fileiras partidárias.

A nova fase da campanha, que finda dia 27, é curta, concentrada e decisiva. O PCdoB continuará contribuindo para o fortalecimento e a ampliação da frente nacional e democrática. Os comunistas reafirmam seu compromisso com o amplo movimento cívico para eleger governos democráticos nos estados e para a vitória de Lula presidente, dando início a um novo tempo para o Brasil.

ELEIÇÕES

Bancada progressista cresce e faz 193 deputados na Câmara

APOLINÁRIO REBELO

O Congresso Nacional terá uma das maiores renovações de sua história. Mais da metade (55%) dos congressistas não voltam no próximo ano. Na Câmara, a renovação foi de 47%. A esquerda obteve expressiva vitória ocupando 192 vagas na Câmara, quase dois quintos, e 27 vagas no Senado, praticamente um terço daquela Casa.

Dos que não voltam, a maioria foi derrotada nas urnas, alguns não concorreram e outros disputaram cargos como presidente, governador, deputado estadual ou distrital. Nomes como Eurico Miranda (PPB-RJ), Emerson Kapaz (PPS-SP), Márcio Fortes (PSDB-RJ), Benito Gama (PMDB-BA) e Mauro Benevides (PMDB-CE), não voltam. O Senado perde Emília Fernandes (PT-RS), Íris Resende (PMDB-GO) e o líder do governo, Artur da Távola (RJ).

A esquerda mais forte e mais qualificada

A bancada de esquerda na Câmara dos Deputados cresceu 71%

em quatro anos, passando de 113 deputados eleitos em 1998, para 193 em 2002. O maior crescimento numérico foi do PT que saiu de 58 para 91 deputados. O PCdoB salta de sete para 12 deputados. O PL, que compôs a aliança de esquerda e indicou o senador José Alencar para vice de Lula, viu sua bancada subir de 12 para 26.

A esquerda, somada ao PL, conquistou mais 63 cadeiras. É a maior vitória eleitoral desde que esta chegou à Câmara dos Deputados pela primeira vez com a eleição de Azevedo Lima (pelo antigo Distrito Federal, hoje Rio de Janeiro), apoiado pelos comunistas, em 1927.

A Frente Trabalhista (PPS-PDT-PTB), que apoiou Ciro, conseguiu preservar numericamente suas forças. O PPS fez progresso, subindo de três para 15, mas o PDT perdeu quatro deputados e o PTB perdeu cinco. No balanço, esse bloco ganhou mais três parlamentares.

A maior derrota conservadora desde 1945

As forças conservadoras, abrigadas no PSDB, PFL, PMDB

e PTB, sofreram um grande revés. Juntos perderam 63 deputados. Os dois maiores perdedores são justamente as duas pilastres principais de sustentação do projeto neoliberal no Brasil. O PFL minguou de 106 para 84 e o PSDB caiu de 99 para 71 deputados.

Esse bloco passa a ter uma das menores bancadas de sua história. Para se ter uma idéia, em 1945, essas forças chegaram a conquistar 82% da Câmara dos Deputados, caindo para apenas 34% em 1962. Em 1988, na reeleição de Fernando Henrique, atingiram 74% da vagas e agora descem para 45%. Se a redução não foi tão acentuada como a ocorrida entre 1945 e 1962, há uma enorme diferença. A eleição da bancada de esquerda é bem mais consistente e ainda com outro grande diferencial, se em 60 foi eleito Jânio com Jango na vice, agora pode ser Lula e com uma forte consciência social e uma bancada mais sólida dos comunistas, num ambiente de mais liberdade e de elevação constante da consciência social e política dos brasileiros.

COMPARE A CÂMARA ELEITA EM 1998 COM A QUE SAIU DAS URNAS DE DOMINGO

Partido	A Câmara em 1998 Cadeiras	%	A Câmara em 2002 Cadeiras	%	Diferença 1998 / 2002
PFL	106	20	84	16	- 22
PSDB	99	19	71	14	- 28
PMDB	82	16	74	14	- 8
PPB	60	12	49	9	- 11
PT	58	11	91	17	+ 32
PTB	31	6	26	5	- 5
PDT	25	5	21	4	- 4
PSB	19	4	23	4	+ 4
PL	12	2	26	5	+ 14
PCdoB	7	1	12	2	+ 5
PPS	3	0	15	3	+ 12
PSD	3	0	4	1	+ 1
PSC	2	0	1	0	- 1
PMN	2	0	0	0	- 2
PRONA	1	0	6	1	+ 5
PV	1	0	5	1	+ 4
PST	5	1	3	0	- 2
PSL	5	1	1	0	- 4
PHS	1	0	0	0	- 1
PTN	1	0	0	0	- 1
PSDC	0	0	1	0	+ 1

Avanço democrático no Senado

A bancada governista no Senado sofreu importante derrota, mas ainda é maioria. A aliança que sustentou esses últimos quatro anos de governo Fernando Henrique caiu de 68 para 52. Uma redução de 25% em números absolutos. O PMDB foi quem mais perdeu, ficando com oito vagas a menos, seguido do PSDB com menos cinco e do PFL com menos uma. O PTB que não ele-

geu ninguém em 98, volta a ter três, o mesmo número que havia sido eleito em 1994.

O PT foi o que mais cresceu, dobrando a bancada que passou de sete para 14 senadores. O PDT subiu de dois para cinco e o PSB de três para quatro. O PPS manteve uma vaga, sendo que Roberto Freire (PE), eleito em 98, saiu e entra Patrícia Gomes (CE).

Confirmada a vitória de Lula

no segundo turno, o Senado será um obstáculo importante já que PMDB, PFL, PSDB e PTB somam quase dois terços da Casa. Mas é importante realçar que é possível haver diálogo com setores do PMDB já que este partido não é um bloco homogêneo e tem, em seu meio, senadores como Pedro Simon (RS), Renan Calheiros (AL), Mão Santa (PI), entre outros.

COMPARE O SENADO ELEITO EM 1998 COM O QUE SAIU DAS URNAS EM 6/10

Partido	O Senado em 1998 Cadeiras	%	O Senado em 2002 Cadeiras	%	Diferença 1998/2002
PMDB	27	33	19	23	- 8
PFL	20	25	19	23	- 1
PSDB	16	20	11	14	- 5
PT	7	9	14	18	+ 7
PPB	5	6	1	1	- 4
PSB	3	4	4	5	+ 1
PDT	2	2	5	6	+ 3
PPS	1	1	1	1	=
PTB	0	0	3	4	+ 3
PL	0	0	3	4	+ 3
PSD	0	0	1	1	+ 1

Cresce acesso ao Portal Vermelho com as eleições

O Vermelho segue sua trajetória de uma experiência frutífera, resultado do trabalho realizado: no último trimestre, 220.014 internautas acessaram o nosso portal; no mês de setembro, o número alcançado foi de 92.815, com uma média diária de 3.070 visitantes. Para se ter um referencial da linha evolutiva de audiência, destaca-se que na sua primeira semana de existência, a partir do dia 25 de março, o Vermelho recebeu 9.6681 visitas. Seis meses depois essa média semanal quase triplicou, alcançando o patamar de 24.007. Está em curso um balanço aprofundado do Portal, visando fortalecê-lo e dinamizá-lo ainda mais.

No primeiro turno, o Vermelho cumpriu importante papel na batalha pela vitória da Coligação Lula Presidente e pelo êxito do projeto eleitoral específico dos comunistas. O Partido contou com o importante trunfo de ter um instrumento ágil, diário de informação e orientação política. Através do Portal, participamos do vigoroso debate de idéias que marcou essa primeira fase do confronto. Vincamos em momentos cruciais nosso posicionamento frente a questões polêmicas.

Agora, para a campanha desse histórico segundo turno, em 27 de outubro próximo, quando o destino do país será decidido, a responsabilidade do Partido cres-

ce e, sem dúvida, o portal Vermelho é um valioso instrumento que os comunistas têm para cumprir a parte que lhes cabe nessa jornada memorável.

Trabalharemos para superar eventuais percalços ocorridos no primeiro turno. A cobertura da campanha e as análises formuladas terão como ponto principal a convicção de que somente a candidatura Lula tem a autoridade, a credibilidade para unir e mudar o Brasil. Contaremos com os membros da Comissão Política e dirigentes estaduais do nosso Partido, que, com suas matérias assinadas, nos fornecerão o balanço inicial da aplicação do projeto partidário em seu Estado, assim como análises a respeito do segundo turno nas localidades em que este ocorrerá.

Dando respostas a essa necessidade, não só estaremos utilizando um eficiente instrumento para a vitória de Lula e de governadores democráticos, como daremos um passo a mais na consolidação de nosso Portal Vermelho como instrumento de informação e integração entre os comunistas, unindo, mesmo que virtualmente, todo o conjunto das forças democráticas, patrióticas e populares e todos os que se opõem ao governo FHC e ao seu candidato.

OS GOVERNADORES ELEITOS

Estes são os governadores eleitos no dia 6 de outubro. Nos outros estados e no Distrito Federal ocorrerá segundo turno

Alagoas	Maranhão	Mato Grosso
Ronaldo Lessa, PSB	Zé Reinaldo, PFL	Blairo Maggi, PPS
Espírito Santo	Bahia	Goiás
Paulo Hartung, PSB	Paulo Souto, PFL	Marconi Perillo, PSDB
Rio de Janeiro	Acre	Minas Gerais
Rosinha Garotinho, PSB	Jorge Viana, PT	Aécio Neves, PSDB
Tocantins	Piauí	Pernambuco
Marcelo Miranda, PFL	Wellington Dias, PT	Jarbas Vasconcelos, PMDB
	Amazonas	
	Eduardo Braga, PPS	

Empresa jornalística

A CLASSE OPERÁRIA

Fundada em 1925

Diretor: João Amazonas (1912-2002)

Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 - SP)

Edição: Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL)

Edvar Bonotto, Remy Feres, Editoração Eletrônica: Marco Godoy.

Administração: Franci Rose de Andrade Matarazzo

Alameda Santa Ifigênia, 185 - Jardim Paulista - São Paulo, SP
CEP 01403-010 - Tel.: (11) 3054 1800
Endereços eletrônicos: classe@pcdob.org.br
www.vermelho.org.br

VERMELHO
OFICINA: www.vermelho.org.br

Página inicial | Fale Conosco | Manifesto Vermelho | Busca no Portal Vermelho | Índice

PCdoB
Resultados eleitorais: VELA O DESEMPENHO NAS URNAS DE TODOS OS CANDIDATOS DO PCdoB

DIÁRIO VERMELHO
Brasil, terça-feira, 15 de outubro de 2002

Faltam 12 dias para mudar o Brasil

SELIC PASSA DE 16% PARA 23%

Banco Central prisioneiro eleva juros e nada muda

Prisioneiro do "mercado" e suas regras, o Banco Central oscila entre o terrorismo e a inocuidade. A decisão do Copom (Conselho de Política Monetária) de elevar a taxa básica de juros para 23% ao ano, terá pouca relevância frente a grave situação cambial brasileira. Ontem mesmo o dólar subiu, o "risco-Brasil" idem, os papéis da dívida brasileira se desvalorizaram, a bolsa recuou: Artigo de Léo Moraes.

Clayton, O Povo

OPINIÃO
Renato Rabelo
Lula é o consenso da mudança para um novo tempo

ROZÉ
1986: sai a lei que proíbe os senhores de escravarem os seus escravos

COLUNAS DO DIA

visite www.vermelho.org.br

NACIONAL

PCdoB conclama à mobilização pela vitória de Lula

A Comissão Política do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil realizou durante o dia 10 importante reunião na qual debateu o resultado do primeiro turno das eleições e, principalmente, as tarefas dos comunistas na batalha final para eleger Lula presidente da República e garantir a vitória de governadores democráticos em segundo turno.

O debate produziu a convicção de que no primeiro turno as forças de esquerda, da oposição e da mudança obtiveram um esplêndido resultado. Contudo, o desfecho final da "guerra" trava-se agora. O dia 27 de outubro é um momento decisivo da história do país.

Papel especial

O PCdoB tem um papel especial a jogar nesse confronto. Somente dois partidos estiveram com Lula desde o primeiro turno nas suas quatro candidaturas a presidente: o PT e o PCdoB. Os comunistas devem tensionar todas as suas energias, contribuir para agregar os mais amplos segmentos sociais tendo em vista assegurar o triunfo da mudança.

Embora tenha ressaltado as grandes possibilidades de êxito, o encontro alertou que a candidatura Serra, representante dos banqueiros, da especulação financeira,



Comissão Política do PCdoB reunida no dia 10

dos que se locupletaram com a desastrosa era FHC, tudo irá fazer para tentar impedir a grande virada qualitativa que está para ocor-

rer no país. A vitória de Lula terá que ser construída dia-a-dia nesta quinzena crucial que antecede o 27 de outubro.

Do ponto de vista das orientações políticas, a reunião apontou que a campanha deve ter com uma das mensagens centrais a convicção de que somente a candidatura Lula tem a autoridade, a credibilidade para unir e mudar o Brasil. A candidatura deve ampliar ao máximo sua base de apoio e se apresentar com uma bandeira que pertence ao conjunto das forças democráticas, patrióticas e populares e de todos os que se opõem ao governo FHC e ao seu candidato.

A reunião também fez um balanço inicial do desempenho do PCdoB e considerou que os comunistas obtiveram uma importante vitória.

Lula é o consenso da mudança para um novo tempo

RENATO RABELO*

A Comissão Política do Comitê Central do PCdoB reúne-se sob o signo da vitória. A oposição, a esquerda e – na esquerda – o PT e o PCdoB saem do pleito de 6 de outubro com um resultado positivo expressivo. Vivemos uma fase de mudança qualitativa em nosso país. Os brasileiros votaram pela mudança de rumos para o país e pela adoção de novos métodos político para governar. Lula, empunhando a bandeira do Brasil, representa a mudança desejada – é o único candidato capaz de unificar o país em torno de um projeto de soberania, democracia, desenvolvimento e justiça social.

Votaram 94.776.749 eleitores (82,2% dos eleitores), dos quais 6.975.128 anularam o voto e 2.873.203 votaram em branco. Caiu a quantidade de votos nulos e brancos em relação a 1998. Dos 84.928.418 votos válidos, 39.443.876 sufragaram a Coligação Lula Presidente (46,4%) – mais do que o dobro dos votos destinados ao candidato governista, José Serra, do PSDB. A oposição ficou com 76,8% dos votos. Uma manifestação inequívoca do descontentamento da população com o atual governo. Lula ganhou em todos as unidades da federação, com exceção do Rio de Janeiro, onde Garotinho, do PSB, foi o mais votado; Ceará, onde Ciro, do PPS, venceu; e Alagoas, único estado onde Serra ficou à frente. Percentualmente, as maiores votações de Lula foram em Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná (onde, nas eleições anteriores, Lula nunca havia sido vitorioso) e Bahia.

Na disputa estadual, 13 governos ficaram definidos no primeiro turno. Destes, três foram vencidos pelo PSB, dois pelo PT e dois pelo PPS. No Distrito Federal e nos outros 13 estados onde ocorrerá o segundo turno, a oposição disputa em nove, inclusive estados de grande concentração eleitoral, como São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Pará.

O primeiro turno foi uma grande batalha política. A opção oposicionista foi marcante. Na Câmara Federal, o PT passou a ser o maior partido, com 91 deputados; o bloco oposicionista soma

193 deputados – e vários parlamentares de partidos que participaram da coligação governista podem também somar com os progressistas nas votações e posicionamentos do Congresso. As forças progressistas estão com cerca de 50% da Câmara. Já as forças conservadoras, instaladas no PSDB, PFL, PMDB e PTB, perderam 63 deputados. Os dois maiores perdedores foram o PFL, que caiu de 106 para 84 deputados, e o PSDB, de 99 para 71. No Senado, a aliança que sustentou o governo Fernando Henrique caiu de 68 para 52 parlamentares. O PMDB foi quem mais perdeu, ficando com oito vagas a menos, seguido do PSDB com menos cinco e do PFL com menos uma. Já o PT dobrou a bancada, que passou de sete para 14 senadores. O PDT subiu de dois para cinco e o PSB de três para quatro. O PPS manteve uma vaga.

Novos métodos políticos

Vivemos uma fase de mudança qualitativa. A imensa maioria votou na oposição. É senso comum nas ruas que o governo Fernando Henrique traiu o povo; rendeu-se aos círculos financeiros e deixou de lado a produção; foi insensível para a questão social. Ao lado do descontentamento com os rumos do país, cresce também a exigência de renovação dos métodos políticos, o que se refletiu nas eleições parlamentares. Ao lado do crescimento da oposição e declínio da situação, foi registrada também a derrota de vários políticos conservadores tradicionais. Os principais meios de comunicação diluíram a dimensão dessa mudança para preservar e tentar dar alento ao candidato governista.

Há um revolvimento da situação política nacional. A política econômica conduzida pelo governo FHC tornou contraditórios os interesses entre a maioria que aposta no crescimento rápido e amplo da produção e emprego por um lado e, por outro, a minoria que ganha muito com as taxas de juros elevadas e a especulação da moeda, prendendo-se aos círculos dominantes financeiros mundiais. Essa contradição "moderna" do sistema forneceu margem objetiva para uma aliança política e social entre trabalhadores, empresários da cidade e do campo, camadas

médias, intelectuais e militares. É possível reunir amplas forças em torno de um projeto nacional e de um novo governo voltado para a retomada do crescimento, o fortalecimento do mercado interno, a valorização do trabalho e a maior participação do povo nas decisões nacionais.

O PT tornou-se o desaguadouro principal da elevação da consciência e do anseio majoritário, credenciando o partido e sua maior liderança – Lula – como artífices habilitados para realizar uma vasta aliança na busca de um novo tempo para o Brasil. O resultado do pleito neste primeiro turno dá uma dimensão política de significado histórico sem paralelo para o PT e a esquerda; Lula é o candidato a presidente da República mais votado na história do país.

O Partido Comunista do Brasil é partícipe importante desse êxito. PCdoB e PT são aliados desde 1989. Os comunistas nunca deixaram de colocar a política e os objetivos programáticos no comando das ações conjuntas. Desde o início da aliança atual, o PCdoB se bateu por uma frente ampla e representativa da oposição. Compor a vice-presidência com José Alencar sempre mereceu do nosso Partido uma apreciação favorável, porque é condizente com o nível da batalha política em curso, visando a aproximação de setores dominantes para construção da nova saída. O PCdoB continua contribuindo com dedicação e persistência para a formação desse campo político avançado em nosso país.

Artífice do consenso

No término deste primeiro turno das eleições de 2002, consideramos que o saldo do balanço da aliança atual foi proveitoso para todos os partidos da Coligação Lula Presidente. Compreendemos que hoje nossa coalizão tem uma maior importância política, porque se tornou realmente tangível a conquista de um novo governo nacional liderado por Lula e o PT, integrado pelo PCdoB e demais forças aliadas. Ao mesmo tempo se elevou o papel político das correntes de esquerda. O Brasil pode assumir um papel avançado, refor-

çando significativamente a tendência de mudança da ordem mundial unipolar, hegemônica e belicista.

A vitória no segundo turno será consequência da consolidação e ampliação do papel de artífice do consenso que Lula pode cumprir – ele é o único candidato em condições de exercer esse papel imprescindível à mudança requerida. Lula é o consenso da mudança para um novo tempo. Para dar consequência a essa função política catalisadora nacional, Lula deve assumir mais o papel de líder universal brasileiro e não simplesmente petista; deve empunhar mais a bandeira do Brasil, ressaltando a dimensão do seu papel consensual, além partido. Lula deve ser o intérprete de amplas correntes políticas e segmentos sociais.

O segundo turno é a continuação do primeiro – somente a Serra interessa dizer o contrário, assim como só ao candidato governista interessa discutir "apenas o futuro", esquecendo o legado tucano de maior dependência externa do país, estagnação econômica e privação dos direitos sociais universais para a maioria que o governo Fernando Henrique está deixando para o novo presidente. A expressiva vitória de Lula no primeiro turno deve ser ressaltada, valorizada. O povo votou contra a orientação do atual governo; votou pela mudança. Esse contraste será inevitavelmente acentuado até o dia 27.

A diferença entre Lula e Serra, em última instância, está entre a mudança e a continuidade. Não é possível poupar o governo, devido à responsabilidade que tem na situação difícil que o Brasil e seu povo vivem. Vamos enfrentar a direita moderna no segundo turno. Os tucanos virão contra nós. Fernando Henrique nesta fase jogará todas as fichas para salvar seu candidato. Vai retirando a máscara de estadista acima da disputa eleitoral. Mas ainda esta semana seu governo anunciou a liberação de mais R\$ 1,577 bilhão nos gastos deste ano para comprar apoio para seu apaniguado. Também o capital internacional agita-se para apoiar Serra. Em editorial, o *New York Times* admitiu que Lula conquistou o voto de milhões de pessoas prejudicadas pelas "reformas

pró-mercado". O jornal norte-americano escreveu: "Uma maioria empobrecida como essa colocou Hugo Chávez no poder na Venezuela e parece que será uma grande força na eleição presidencial da Argentina no próximo ano." O diário alerta que a vitória de Lula não irá agradar o governo de George W. Bush, nem os investidores internacionais ou a comunidade empresarial brasileira, pois sua campanha "deixou clara a sua contínua oposição a várias das reformas econômicas apoiadas pelos Estados Unidos que o Brasil promoveu nos últimos anos, bem como a sua forte discordância com as políticas de Washington em relação a Cuba e Colômbia." O alerta foi dado, e os "investidores internacionais", a "comunidade empresarial" e o próprio governo norte-americano, citados pelo jornal, não ficarão assistindo passivamente ao desenrolar da campanha eleitoral.

As pressões, tumultos e chantagens dos círculos financeiros globalizados e dos Estados Unidos tomarão formas mais sofisticadas. Mas, pelo resultado do primeiro turno, o poder político da candidatura Lula cresceu. É possível conquistar e neutralizar parte significativa da classe dominante. Para isso cresce a exigência de maior unidade e empenho dos partidos que integram a coligação oposicionista e das novas adesões à campanha, como as dos candidatos Garotinho e Ciro.

Em síntese, a candidatura Lula deve unir todas as forças oposicionistas e setores políticos interessados em novo caminho para garantir a vitória, a nossa bandeira é a da mudança e Lula é o único candidato que tem condições objetivas de unir os brasileiros em torno de um novo projeto, de um Brasil soberano, democrático, com desenvolvimento e justiça social.

O PCdoB continuará no esforço de ampliação da frente Lula presidente e no empenho na formação de vasto movimento cívico eleitoral – Somos todos Lula!

*presidente do PCdoB, intervenção no Centro de Documentação e Memória do Comitê Central, 16 de outubro de 2002

ELEIÇÕES

PCdoB elege 12 deputados federais e supera 2% de votos para a Câmara

Os comunistas foram aprovados pelas urnas e tiveram votação crescente. Dos sete deputados eleitos em 1998, seis concorreram em 2002 e foram reeleitos. O baiano Haroldo Lima, eleito naquele ano, desta vez candidatou-se ao Senado:

AMAZONAS – Vanessa Graziottin (PCdoB) foi a campeã eleitoral absoluta, com quase 200 mil votos, representando 17,2% dos total de votos para deputados federais do Estado.

CEARÁ – Inácio Arruda foi reeleito o mais votado do Estado (302.566 votos), com 8,3% dos votos válidos. Seu crescimento em relação aos votos de 1998 (124.356) foi de 143%.

DISTRITO FEDERAL – Agnelo Queiroz foi o segundo mais votado do DF, com 91.158 votos, 8% da votação para deputa-

dos federais no DF. Seu crescimento com relação a 1998, quando teve 65.752 votos foi de 38,63%.

MINAS GERAIS – Sérgio Miranda ficou em décimo lugar na coligação. Com relação aos seus 40.162 votos de 1998, Sérgio cresceu 94,72%.

RIO DE JANEIRO – Jandira Feghali teve mais de 264 mil votos, o que significa 3,3% dos votos válidos do Estado para a Câmara. É a segunda deputada federal mais votada do Rio. O crescimento de Jandira em relação a 1998 (105.307 votos) foi de 150%.

SÃO PAULO – Aldo Rebelo ficou em 12º lugar na coligação, com mais de 133 mil votos. O crescimento da votação de Aldo com relação a 1998 (84.288 votos), foi de 57,54%.

A bancada comunista ainda será fortalecida por outros seis deputados federais, três deles eleitos em estados onde o Partido não tinha representação na Câmara Federal:

BAHIA – O PCdoB elegeu dois deputados federais: Alice Portugal, a quarta da coligação, com 121.022 votos, e Daniel Almeida, o sétimo, com 95.414 votos.

SÃO PAULO – Além da reeleição de Aldo Rebelo, o atual deputado estadual Jamil Murad foi eleito deputado federal, na 20ª colocação dentro da coligação “Muda São Paulo”, com 95.297 votos.

ACRE – O Partido elegeu a deputada federal mais votada do Estado, Perpétua, com 21.930 votos.

PIAUI – Afonso Gil, promotor público, foi eleito com 68.772

votos, o que significa 4,8% dos votos válidos.

PERNAMBUCO – Renildo Calheiros volta à Câmara, com 70.896 votos (1,9% dos válidos). Ele havia sido eleito em 1990. Ficou na quinta posição da coligação.

Suplentes

Em 1998 o PCdoB conseguiu três primeiras suplências de deputados federais, que assumiram em 2001, com a posse de alguns federais do PT que foram eleitos prefeitos. Desta vez são três primeiros suplentes e uma terceira suplente:

GOIÁS – A coligação fez duas vagas, e Aldo Arantes ficou em terceiro lugar, ocupando a primeira suplência. Teve 66.247 votos, um crescimento de 79,59%

em relação aos 36.886 votos de 1998.

PARÁ – A coligação elegeu quatro deputados federais. Socorro Gomes ficou na quinta posição. Teve 50.381 votos, que representam um aumento de 183% em relação aos 17.797 votos de 1998.

RORAIMA – Uma grata surpresa foi o desempenho do índio macuxi José Adalberto Silva. Ele ficou em segundo lugar na coligação, que conquistou apenas uma vaga.

SERGIPE – Em 1998 a coligação elegeu apenas um deputado federal, Deda, do PT. Desta vez a coligação fez três federais. Tânia Soares, que teve em 1998 apenas 3.217 votos, agora obteve 22.351 votos (crescimento de 594%) e ficou na terceira suplência.

PCdoB baiano tem sua maior votação

GILMAR MEDEIROS

O PCdoB sai das urnas no 1º turno das eleições 2002 como um dos grandes vitoriosos entre as agremiações partidárias na Bahia. O Partido obteve a mais expressiva votação de sua história no Estado. Dos 16 candidatos que concorreram ao pleito, cinco conquistaram cadeira nos Legislativos Estadual e Federal. O índice de sucesso dos postulantes comunistas é praticamente de 30%. Também merece destaque a expressiva votação do deputado federal Haroldo Lima, que disputou uma vaga ao Senado pela coligação A Bahia Vai Ser Melhor.

Para a Câmara Federal, os dois candidatos que disputaram vaga foram eleitos. Com 121.043 votos, a deputada estadual Alice Portugal chega a Brasília como a terceira parlamentar mais votada da bancada de esquerda e a 10ª entre os 39 eleitos pelo Estado. Já o vereador de Salvador Daniel Almeida desembarca na capital federal amparado por 95.485 sufrágios. A Bahia tem o quarto maior colégio eleitoral do país, com 8,5 milhões de eleitores.

Na Assembleia Legislativa da Bahia, o crescimento foi ainda mais significativo. Três candidatos receberam o aval dos baianos para

fazer oposição ao governador eleito Paulo Souto (PFL). Desses, dois são estreantes no poder Legislativo. O bancário Álvaro Gomes, o mais votado da coligação, arrancou das urnas 45.762 votos. O segundo novato é Edson Pimenta, liderança entre os trabalhadores rurais, que contabilizou 35.664 votos registrados em 380 municípios dos 417 existentes na Bahia. O terceiro eleito foi o vereador de Salvador, Javier Alfaya, com 27.840 sufrágios. Haroldo Lima teve uma significativa votação para o Senado. O parlamentar obteve mais de 1,2 milhão de votos, superando em alguns municípios Antônio Carlos Magalhães e em Salvador o segundo eleito, o governador licenciado César Borges. Na capital, Haroldo ficou com 20,8% dos votos válidos, atrás apenas de Waldir Pires, 24,4%, e ACM, 23,0%.

Dendê Vermelho

Para colocar ainda mais dendê na vitória vermelha na terra dos orixás, a pedagoga e liderança do movimento negro Olívia Santana conquistou uma cadeira na Câmara de Vereadores de Salvador, na vaga aberta pela saída de Daniel Almeida. Olívia Santana concorreu nas eleições de 2002 a uma cadeira no Legislativo estadual e ob-



Daniel Almeida, Alice Portugal, Lula, Javier Alfaya e Haroldo Lima

teve 18.745 votos, predominantemente da capital. Já o presidente do Sindicato dos Comerciantes, Reginaldo Oliveira, ficou na primeira suplência, também para o Legislativo municipal.

Os votos de legenda do Partido também avermelharam o dendê do tempero baiano. Para estadual foram registrados 27.300 e para federal 13.414. Para a Câmara Federal, o PCdoB baiano contabilizou 229,9 mil, que correspondem a 3,8% dos votos válidos. Para a Assembleia Legislativa, foram 221,7 mil, equivalentes a 3,7% dos válidos. Em Salvador, os votos vermelhos para federal chegaram a 12%.

Contrariando as pesquisas de opinião, o candidato das oposições ao Palácio de Ondina, sede do governo baiano, Jacques Wagner (PT), ficou com 56,9% dos votos válidos de Salvador. Na Bahia beirou os 40%. Paulo Souto foi eleito com 53,7%.

Capital da Oposição

A renovação na Assembleia Legislativa foi de 46%, com a reeleição de 34 dos 63 deputados. Na Câmara Federal, as mudanças foram ainda maiores, de 48,7%, onde apenas 20 dos 39 parlamentares renovaram o mandato. O eleitorado baiano, que bateu dura-

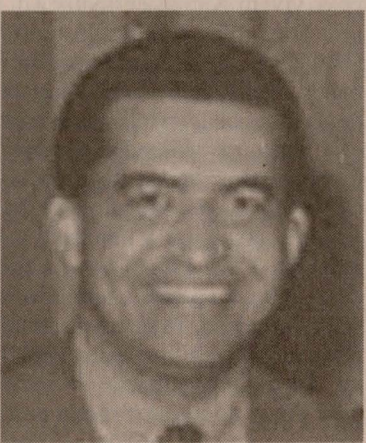
mente nas oligarquias do Estado, deixando de fora velhos caciques da política baiana, deu ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a segunda mais significativa votação em percentuais do país com 55,3% dos votos válidos. Perde somente para Santa Catarina. O campeão de votos para a Assembleia Legislativa, deputado João Henrique (PDT), com 186,891 sufrágios, compõe a bancada de oposição ao “carlismo”.

Em Salvador, a febre “lulista” foi ainda mais contagiosa. Emergiram das urnas em favor do petista nada menos que 73,7% dos votos válidos, reafirmando a condição de capital da oposição no Brasil.

Comunistas do Rio se superaram na eleição



Jandira, vice-campeã de votos



Edmilson, reeleição para a AL

O PCdoB do Rio comemora a vitória parcial do seu projeto político nas eleições de 2002. Com votações expressivas, Jandira Feghali e Edmilson Valentim foram reconduzidos aos seus mandatos no Congresso Nacional e na Assembleia Legislativa.

Jandira foi a vice-campeã de votos no estado, recebendo o apoio de 264.384 eleitores. A deputada se elege para o seu quarto mandato como a primeira da coligação, superando as expectativas e as metas estabelecidas pelo cole-

tivo partidário. “Este é o resultado do trabalho dos últimos mandatos”, declarou a deputada comunista.

Edmilson foi o 20º colocado entre os deputados estaduais, o terceiro da coligação, com 50.538 votos, mais do que o dobro de sua última eleição, em 1998. Ricardo Cappelli, candidato “calouro” nestas eleições, conseguiu amplo apoio de jovens e universitários, conquistando 20.208 votos e a sexta suplência da coligação. ALERJ. As eleições deste ano também

consolidaram os candidatos do PCdoB como lideranças políticas em suas regiões. Destacam-se as expressivas votações de Jandira (5,26%) e de Gusmão (3,77%) na capital e o desempenho de Aguilar dos Metalúrgicos, Amendoim e Maurício Schneider. Aguilar foi o terceiro colocado em Angra dos Reis com 10,26% dos votos, Amendoim obteve 14% dos votos da Rocinha – a maior favela do Rio de Janeiro – e Maurício cati-
Fundação Maurício Gróbois

ELEIÇÕES

Presença comunista nas Assembleias Legislativas

O PCdoB superou as expectativas quanto às eleições para deputados estaduais, garantindo 17 vagas nas assembleias legislativas de treze estados, contando com os votos de mais de um milhão e trezentos mil brasileiros. Houve um crescimento de 70% no total de comunistas eleitos, se comparados aos dez parlamentares eleitos em 1998, aos quais se somaram outros dois deputados estaduais (em Pernambuco e Piauí), filiados ao Partido no transcurso desses quatro anos. O partido fez ainda a primeira suplência no Piauí e no Ceará.

ACRE – Dois deputados: Edvaldo Magalhães, também líder do governo Jorge Viana na Assembleia, consolida a sua liderança local, com 4.479 votos, na quinta colocação. Moisés Diniz,

de Tarauacá, ex-candidato a prefeito de sua cidade pela legenda do Partido, elege-se com os votos de 3.072 acreanos.

AMAPÁ – A educadora Roseli Matos, vereadora em Santana, foi a primeira parlamentar do PCdoB no Estado do Amapá. Agora foi eleita deputada estadual com 3.492 votos (veja matéria nesta página).

AMAZONAS – O engenheiro agrônomo Eron Bezerra e membro do Comitê Central, tendo cumprido já três mandatos, reelegeu-se deputado estadual com 2,5% dos votos válidos, totalizando 28.994 votos.

BAHIA – Os três deputados estaduais são Álvaro Gomes, Edson Pimenta e Javier Alfaya (primeiro, quinto e décimo segundo respectivamente na coligação).

“O carlismo venceu e o grupo conservador ainda se mantém forte, mas desde a renúncia de Antônio Carlos Magalhães que a direita vem se enfraquecendo no Estado. Nesta eleição, eles elegeram menos candidatos que nas últimas eleições, o que acentuou o nosso crescimento.”, garante Péricles de Sousa, da direção estadual do Partido.

CEARÁ – Com chapa própria, sem coligações, o PCdoB reelegeu o atual deputado Chico Lopes, com 47.402 votos.

DISTRITO FEDERAL – De volta ao parlamento distrital de Brasília, depois de oito anos ausente, o PCdoB elegeu Chico Leite com 10.499 votos.

GOIÁS – O vereador de Goiânia, Fábio Tokarski, foi o candidato mais bem votado da esquer-

da na Coligação Força do Cerrado. Fábio teve 26.333 votos, chegou em 2º lugar em Goiânia e foi o 14º deputado mais votado no Estado. A esquerda garantiu apenas quatro das 41 vagas a deputado estadual na Assembleia Legislativa.

MINAS GERAIS – Jô Moraes, presidente do Partido, vereadora em Belo Horizonte, mais do que dobrou os votos de 1998. Com 58.153 votos, ela é a primeira deputada estadual comunista em Minas.

PARÁ – Membro da Comissão de Segurança Pública da Assembleia Legislativa, a deputada estadual Sandra Batista reelegeu-se com 26.491 votos.

PERNAMBUCO – Nelson Pereira, atual deputado estadual – vindo das fileiras do PT – reelegeu-se, agora pelo PCdoB, com 25.680 votos, o quinto mais votado da coligação.

RIO DE JANEIRO – Edmilson Valentim garante mais um mandato na Assembleia. Integrante da direção nacional do Partido, ele foi eleito com 50.538 votos.

RIO GRANDE DO SUL – Tendo como profissão farmacêutica, Jussara Cony conseguiu o aval de 51.586 gaúchos para reeleger-se ao cargo de deputada estadual. Obteve a 14ª posição no estado e 1ª entre as mulheres.

SÃO PAULO – Líder da bancada do PCdoB na Câmara Municipal, Anna Martins conquistou os votos de 67.276 eleitores no estado, elegendo-se deputada estadual. Nivaldo Santana, contando com 56.707 votos, assegurou um posto na Assembleia Legislativa desse Estado, partindo para seu terceiro mandato.

OS COMUNISTAS E O SEGUNDO TURNO NOS ESTADOS

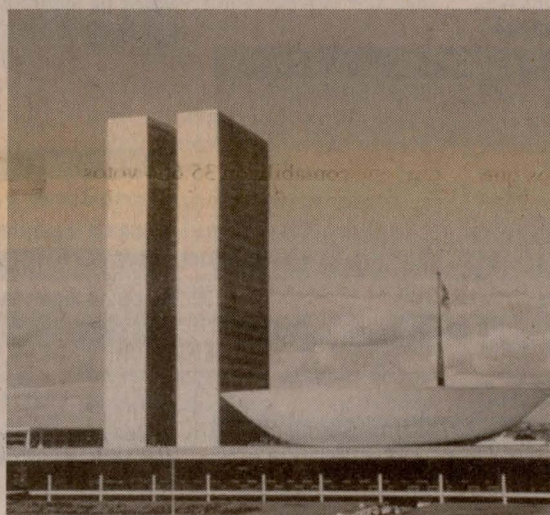
No segundo turno, ao lado da participação ativa na conquista do voto para a Presidência da República, o PCdoB multiplicará seus esforços para garantir a vitória dos candidatos das coligações em que participa e apoiará os candidatos que integram uma campanha de Lula. Estas são as unidades da federação em disputa:

Amapá	Dalva (PT) Walde (PDT)
Ceará	José Airton (PT) Lúcio Alcântara (PSDB)
Distrito Federal	Magela (PT) Roriz (PMDB)
Mato Grosso do Sul	Zeca do PT (PT) Marisa Serrano (PSDB)
Pará	Maria do Carmo (PT) Jatene (PSDB)
Paraíba	Roberto Paulino (PMDB) Cassio Cunha Lima (PSDB)
Paraná	Roberto Requião (PMDB) Alvaro Dias (PDT)
Rio Grande do Norte	Vilma (PSB) Fernando Freire (PPB)
Rio Grande do Sul	Tarso Genro (PT) Rigotto (PMDB)
Rondônia	Ivo Cassol (PSDB) Bianco (PFL)
Roraima	Flamarion (PSL) Ottomar Pinto (PTB)
Santa Catarina	Luiz Henrique da Silveira (PMDB) Esperidião Amin (PPB)
São Paulo	Genofino (PT) Geraldo Alckmin (PSDB)
Sergipe	Ze Eduardo (PT) João Alves (PFL)

Cláusula de barreira agride a democracia

Apenas 7 dos 30 partidos que lançaram candidatos a deputado federal alcançaram 5% dos votos válidos para a Câmara. A partir de 2006, a legislação eleitoral determina sanções para os partidos que não atingirem esses 5%. Nem mesmo partidos com bancadas federais numericamente expressivas, como o PTB (26 deputados eleitos) e o PPS (15 parlamentares), atingiram esse limite. Existe um movimento no Congresso para modificar essa exigência.

Se a regra entrar em vigor, os partidos que não alcançarem 5% dos votos válidos para a Câmara Federal e 2% dos votos em pelo menos nove estados perderão importantes direitos. Esse mínimo, atualmente fixado na lei dos partidos políticos, deverá ser atingido para que as legendas garantam



Congresso: acesso pode ser limitado em 2006

maior espaço na propaganda eleitoral gratuita e acesso a recurso do fundo partidário. Além disso, as legendas que não se enquadrarem não terão direito à indicação de líder de bancada, gabinete para liderança e tempo para discursos em plenário.

O PCdoB obteve 2,25%; o PL

alcançou 4,3%; o PTB, 4,6%; o PPS, 3%. Dentre os demais, PV, Prona, PRTB e PAN também ficaram abaixo dos 5%. Somente ultrapassaram a exigência prevista para valer em 2006 o PT (18,38%), PSDB (14,32%), PMDB (13,35%), PFL (13,37%), PPB (7,81), PSB (5,27%) e PDT (5,12%).

Votação estadual

A determinação de alcançar 2% dos votos em pelo menos nove estados foi alcançada pelo

PCdoB, que a cumpriu em 10: Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Pará, Piauí, Rio de Janeiro e Sergipe. Esse objetivo não foi atingido pelo PCB, PCO, PGT, PHS, PMN, Prona, PRP, PRTB, PSDC, PSL, PST, PSTU, PTC, PTdoB, PTN e PV.

Roseli, o PCdoB no parlamento do Amapá



Roseli: 1ª parlamentar

Pela primeira vez os comunistas terão uma representação do Partido na Assembleia Legislativa do Amapá, com a eleição de Roseli Matos.

Nascida no município de Santana, em 1976, educadora, Roseli foi coordenadora da Pastoral da Juventude aos 17 anos. Aos 19, contribuiu decisivamente para a fundação do Sindicato dos Servidores Municipais de Santana, e logo após foi diretora de escola, com 21 anos.

Mulher que desde cedo aprendeu a lutar em defesa da juventude, das mulheres e trabalhadores, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil em 1998. Nas eleições de 2000 sagrou-se a primeira parlamentar do PCdoB no estado do Amapá. Roseli Matos foi a pri-

meira mulher e a mais jovem vereadora eleita em Santana, ficando em 5º lugar.

Na Câmara Municipal, teve seu mandato voltado para a população mais carente. Encabeçou a luta por um transporte coletivo mais digno para atender o povo e apresentou o Projeto de Lei que estabelecia normas para seu funcionamento – projeto rejeitado na Câmara. Defendeu os cobradores de ônibus quando o prefeito, junto com empresários, quis implementar catracas eletrônicas nos coletivos, desempregando os trabalhadores e aumentando o lucro dos empresários.

É de sua autoria a lei que criou o Programa Municipal de Apoio às Mulheres Vítimas de Violência, incluindo a constru-

ção de um abrigo. É autora da lei que permite a crianças de até 6 anos entrar gratuitamente nos coletivos. Contribuiu, com muita luta, para a inauguração da Escola Adrielle Figueiredo, que atende 70 crianças na área portuária da cidade. Lutou também por saneamento e melhores condições de saúde.

Roseli é conhecida pela sua atuação decisiva na fiscalização dos Recursos Federais repassados para a prefeitura. O repasse foi objeto de inúmeras denúncias de corrupção e desmandos do prefeito no Ministério Público Federal. Por isso foi reconhecida pelo povo, através de pesquisa, a vereadora mais atuante do município em 2001. Pela primeira vez na Câmara Municipal o povo teve

Santana teve voz, que agora se amplia para todo o estado com sua vitória para a Assembleia Legislativa.

Para elegê-la, o Partido trabalhou com o voto consciente e amarrado pela militância, o que levou Roseli a visitar mais de 2.000 famílias. Devido às denúncias de corrupção e de participação de parlamentares da Assembleia Legislativa no narcotráfico, Roseli usou o slogan “Na eleição a gente pega eles” e “O que falta é cara nova na política”. Ficou conhecida nas ruas como a mulher da “Cara Nova” ou “ela vai pegar eles”. E o resultado não poderia ser diferente: Roseli ficou em 15º lugar geral e foi a 2ª da coligação, com 3.492 votos.

ELEIÇÕES

Confira os votos dos candidatos do PCdoB

ACRE		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Perpétua Almeida		21.930*
Votos na legenda e/ou outros		905
Edvaldo Magalhães	4.479	
Moisés Diniz	3.072	
Votos na legenda e/ou outros	1.088	
Sub Total	8.639	22.835

ALAGOAS		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Marcelo Malta		10.219
Votos na legenda e/ou outros		926
Mariayvone	2.243	
Votos na legenda e/ou outros	2.005	
Sub Total	4.248	11.145

AMAPÁ		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Raimundo Nonato		33
Votos na legenda e/ou outros		86
Roseli	3.492	
Votos na legenda e/ou outros	135	
Sub Total	3.627	421

AMAZONAS		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Vanessa Grazziotin		197.419
Votos na legenda e/ou outros		3.431
Eron Bezerra	28.994	
Votos na legenda e/ou outros	10.833	
Sub Total	39.827	200.850

BAHIA		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Alice Portugal		121.043
Daniel Almeida		95.485
Votos na legenda e/ou outros		13.414
Álvaro Gomes	45.762	
Edson Pimenta	35.664	
Javier Alfaya	27.840	
Votos na legenda e/ou outros	85.263	
Sub Total	221.829	229.942

CEARÁ		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Inácio Arruda		302.627
Lula Moraes		17.175
Votos na legenda e/ou outros		9.348
Chico Lopes	47.402	
Dr. Uiatan	10.238	
Votos na legenda e/ou outros	59.086	
Sub Total	116.726	329.150

DISTRITO FEDERAL		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Agnelo Queiroz		95.239
Votos na legenda e/ou outros		1.166
Chico Leite	10.499	
Cláudio Monteiro	3.965	
Votos na legenda e/ou outros	5.610	
Sub Total	20.074	96.405

ESPÍRITO SANTO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Namy Chequer		15.713
Votos na legenda e/ou outros		503
Neto Barros	9.496	
Votos na legenda e/ou outros	1.057	
Sub Total	10.553	16.216

GOIÁS		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Aldo Arantes		66.247
Stanley Paiva		3.378
Votos na legenda e/ou outros		1.786
Fabio Tokarski	26.333	
Prof. Chiquinho	745	
Votos na legenda e/ou outros	5.119	
Sub Total	32.197	71.411

MARANHÃO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Steffano		3.829
Votos na legenda e/ou outros		951
Marcos Kowarick	8.825	
Votos na legenda e/ou outros	2.448	
Sub Total	11.273	4.780

MATO GROSSO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Janete		652
Cesar Delgado		112
Votos na legenda e/ou outros		1075
Chaparral	11.338	
Votos na legenda e/ou outros	685	
Sub Total	12.023	1.839

MATO GROSSO DO SUL		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Iara		22
Votos na legenda e/ou outros		124
Maria Tereza	809	
Votos na legenda e/ou outros	304	
Sub Total	1.113	146

MINAS GERAIS		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Sérgio Miranda		78.287
Votos na legenda e/ou outros		3.064
Jô Moraes	58.153	
Lipa Xavier	6.716	
Votos na legenda e/ou outros	13.028	
Sub Total	77.897	81.351

PARÁ		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Socorro Gomes		50.967
Votos na legenda e/ou outros		2.466
Sandra Batista	26.491	
Votos na legenda e/ou outros	11.423	
Sub Total	37.914	53.433

PARAÍBA		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Watteau Ferreira		4.706
Assis Mandela		2.045
Votos na legenda e/ou outros		4076
Rildian	4.957	
Votos na legenda e/ou outros	2.595	
Sub Total	7.552	10.827

PARANÁ		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Ceni		22.134
Votos na legenda e/ou outros		3126
Chico Brasileiro	11.384	
Votos na legenda e/ou outros	6.674	
Sub Total	18.058	25.260

PERNAMBUCO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Renildo Calheiros		72.324
Votos na legenda e/ou outros		3.347
Nelson Pereira	25.680	
João Lemos	6.109	
Votos na legenda e/ou outros	7.504	
Sub Total	39.293	75.671

PIAUÍ		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Afonso Gil		73.883
Votos na legenda e/ou outros		3.826
Olavo Rebelo	12.520	
Anselmo Dias	4.732	
Votos na legenda e/ou outros	5.343	
Sub Total	22.595	77.709

RIO DE JANEIRO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Jandira Feghali		264.384
Prof. Azevedo		12.371
Votos na legenda e/ou outros		20.404
Edmilson Valentim	50.538	
Ricardo Cappelli	20.208	
Votos na legenda e/ou outros	20.935	
Sub Total	91.681	297.159

RIO GRANDE DO NORTE		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Geraldo Assunção		3.785
Vital Nogueira		2.696
Votos na legenda e/ou outros		1.378
George Câmara	10.121	
Votos na legenda e/ou outros	2245	
Sub Total	12.366	7.859

RIO GRANDE DO SUL		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Raul Carrion		54.415
Votos na legenda e/ou outros		1.744
Jussara Cony	51.586	
Déo Gomes	18.756	
Votos na legenda e/ou outros	25.105	
Sub Total	95.447	56.159

RONDÔNIA		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Prof. Pantera		2.281
Votos na legenda e/ou outros		140
Manoel Neri	1.311	
Votos na legenda e/ou outros	251	
Sub Total	1.562	2.421

RORAIMA		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Zé Adalberto		2.291
Votos na legenda e/ou outros		89
Fábio Almeida	124	
Votos na legenda e/ou outros	136	
Sub Total	260	2.380

SANTA CATARINA		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Nildão		22.094
Votos na legenda e/ou outros		734
João Ghizoni	11.964	
Votos na legenda e/ou outros	1.110	
Sub Total	13.074	22.828

SÃO PAULO		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Aldo Rebelo		134.207
Jamil Murad		95.297
Votos na legenda e/ou outros		15.915
Ana Martins	67.276	
Nivaldo Santana	56.707	
Sérgio Benassi	33.846	
Votos na legenda e/ou outros	75.986	
Sub Total	233.815	245.419

SERGIPE		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Tania Soares		22.980
Votos na legenda e/ou outros		455
Souza Bancário	3.268	
Votos na legenda e/ou outros	859	
Sub Total	4.127	23.435

TOCANTINS		
CANDIDATO	ESTADUAL	FEDERAL
Votos na legenda e/ou outros		84
Votos na legenda e/ou outros	250	
Adriano Francisco de Lima	144	
Sub Total	394	84
Total Geral	1.138.164	1.967.135
Total votos válidos		97.532.533
% votos válidos		2.25%

* Os candidatos na tarja cinza foram eleitos



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

ELEIÇÕES

Vitória deve trazer novas forças ao PCdoB!

WALTER SORRENTINO*

Uma página vibrante está sendo escrita pelos brasileiros, em busca de abrir um novo ciclo político no país se levarmos à vitória Lula Presidente. Foram quase 40 milhões de brasileiros sufragando Lula, em nome da mudança de rumo para o Brasil, numa expressiva vitória eleitoral da esquerda! Começa agora a reta final desta caminhada, a se encerrar no segundo turno eleitoral do dia 27. Reta final para retomar a reconstrução do Brasil e da soberania nacional, em um país que reclama progresso e desenvolvimento à altura de seu povo, nestes alvares do século 21. Reconstrução que é também a afirmação da democracia e cidadania, espezinhada pela indiferença de elites que acharam possível governar uma nação dando as costas às maiorias sociais, e resgate de direitos sociais dos trabalhadores, cujas demandas seculares foram ainda mais agredidas nestas duas décadas perdidas.

Temos as forças que nos levaram à vitória no primeiro turno. A elas deverão somar-se outras tantas, que partilham conosco o sentimento de inconformismo com os impasses da nação brasileira, ou que estão em contradição com os rumos impostos pela candidatura oficial. Foram forças longamente apuradas em manifestações de milhões ao longo de décadas, na luta democrática contra o regime ditatorial e nas selvas do Araguaia, nas gigantescas manifestações das Diretas Já e do impeachment de Collor, da difícil resistência contra o desmonte do Estado brasileiro. Nesse trajeto apreenderam o valor da ampla união de esforços, souberam combinar a luta decidida dos trabalhadores e democratas nas ruas com a habilidade política de fazer as ma-

nobras necessárias para ampliar horizontes, como foi o caso do Colégio Eleitoral em 1985 e da sustentação inicial ao governo Itamar. Aprenderam também a combinação da ação política de massas com a luta eleitoral e institucional, combatendo na Constituinte de 1988, construindo desde 1989 o embrião da vitória eleitoral alcançada hoje. Vistos em conjunto, nesses acontecimentos foi se forjando, mesmo que mutante e ainda pouco orgânico, o vasto movimento cívico que o Brasil reclama. E nas mãos dessas forças, que deverão novamente reunir-se, que está a chave da vitória e da mudança.

Na espinha dorsal desse movimento, esse o fato histórico novo, está como núcleo aglutinador a esquerda brasileira. Nela avultou a clarividência, consequência, combatividade e espírito estadista da política do PCdoB. O Partido Comunista do Brasil deu o melhor de sua energia para chegar até aqui. Incôntáveis os que tombaram, invencível o espírito indomito de milhares de combatentes anônimos, sem os quais não escreveríamos esta página hoje. Hoje, numa visada histórica, revela-se integralmente que foi indispensável o papel dos comunistas em todos esses acontecimentos. O segundo turno encontrar-nos-á a postos, prontos a cumprir, mais uma vez, o dever impostergável com o Brasil e os trabalhadores.

Pensamento estruturado

Nova eleição aguarda as forças oposicionistas; é o início de novo combate – curto, concentrado, decisivo. Ao lado da ampla união de esforços, da maior nitidez do discurso de mudança, e de forte mobilização militante, o Partido Comunista está decidido a

aproveitá-lo também, e intensamente, para se fazer mais forte neste outubro histórico que marcará a virada. Com a consciência de que um PCdoB maior é parte integrante da construção do novo rumo para o Brasil, para consolidar positivamente a alteração da correlação de forças, e empreender as mudanças necessárias.

Está estruturado o pensamento do Partido nessa matéria. Fortalecer o PCdoB é dotá-lo de uma linha política ampla, profunda e consequente, somando apoios e ampliando a mobilização cívica do povo brasileiro, para decidir positivamente o segundo turno em favor das mudanças. É mobilizar, à base dessa orientação política, os laços que nos unem indissolivelmente ao movimento dos trabalhadores, em particular entre o movimento sindical, da juventude, de todos os movimentos sociais, elevando a consciência e organi-

zação do povo. É, no seio do esforço derradeiro de campanha, estender a organização partidária a todos os recantos, filiando dezenas de milhares de novos militantes, constituindo centenas de novos comitês nos municípios pelo país adentro, multiplicar a inserção das bases comunistas. Para vencer será necessário politizar o debate com a população. Onde viceje um ambiente político mais arejado, lá deve estar o PCdoB, e lá deve estar o esforço para fortalecer suas fileiras.

A atual geração de comunistas tem nas mãos um momento sublime – poucas gerações tiveram tal chance para pôr em movimento as chaves de um novo tempo em nosso país. A ele se liga a oportunidade extraordinária para elevar a um patamar nunca antes alcançado a força do Partido Comunista do Brasil. Ainda no calor da vitória deste outubro, é hora de

voltar às ruas, aos recantos visitados na campanha, a vastos segmentos sociais, a milhares de trabalhadores, mulheres e homens, jovens, de todas as etnias e credos, para trazer ao PCdoB as novas forças que a situação reclama. Filial, organizar novas bases, estruturar novos comitês e consolidar os já existentes, no calor do combate, é o que o momento propicia. Onde os candidatos comunistas se elegeram, é a oportunidade de agradecer a confiança do povo nos comunistas. Onde não, também há vitória, alcançada pelo povo brasileiro no primeiro turno presidencial. O que há é um só foco: o Brasil pode e vai mudar! O Brasil precisa de um forte Partido Comunista e o PCdoB precisa de novas forças, para lutar pelas mudanças!

*secretário de Organização do PCdoB

Congratulações aos comunistas eleitos

O secretário nacional de Organização do PCdoB, Walter Sorrentino, enviou carta a todos 29 comunistas eleitos para a Câmara Federal e Assembleias Legislativas parabenizando-os pelo êxito alcançado e orientando os parlamentares a se engajarem na batalha pelo crescimento organizativo do Partido Comunista do Brasil.

Na carta, Sorrentino lembra que estamos passando por “um momento extraordinário, quando muitas novas energias políticas despertam e buscam canais para atuação política mais expressa” e que no curso da campanha eleitoral do primeiro turno “muitos novos segmentos se aproximaram

de nossas candidaturas e a sustentaram”.

Nesse sentido, pede que os parlamentares eleitos aproveitem este momento de ascensão do sentimento mudancista e assumam um papel de liderança para capitanear, de imediato, um esforço de filiação ao PCdoB. “Você foi o depositário da esperança e do esforço de milhares de comunistas ao longo de todos estes meses, e é quem materializa essa esperança para as dezenas de milhares de eleitores que nos sufragaram. Sua visibilidade, em nome do PCdoB, é um precioso capital político que conquistamos. Por isso, neste outubro da virada histórica, conto que você se po-

nha em movimento esse capital. Podemos chegar não apenas a segmentos populares, em nossos redutos eleitorais, mas também a setores formadores de opinião política, novos setores atraídos à esfera da influência do partido, de modo a filiar não só muitos lutadores do povo, mas também cientistas, artistas, intelectuais, juristas, lideranças políticas e da sociedade civil.”, diz a carta de Sorrentino.

Com este esforço, o PCdoB pode chegar, ainda este ano, a 50 mil militantes, contra os 30 mil mobilizados em junho. O dirigente esclarece ainda que esta é uma orientação que se estende a todo o Partido.

Genoino no segundo turno em São Paulo

ROVILSON BRITO*

O resultado do primeiro turno das eleições para o governo de São Paulo é uma grande e decisiva vitória do movimento mudancista do estado e do país. Genoino, que começou a campanha com 4% nas pesquisas de intenção de voto, cresceu e se impôs no segundo turno. Para isso, teve que superar o tradicional e execrável, senhor Paulo Maluf, que colheu mais uma derrota eleitoral, essa de grandes proporções. Fato a ser comemorado pelas forças democráticas e por todos os paulistas.

A ida de Genoino e Alckmin ao segundo turno confirma a polarização de forças que emergiu das urnas em 2000 e que agora fica ainda mais nítida. Naquele pleito, o malufismo sofreu derrotas e perdeu cidades importantes.

A campanha de Genoino beneficiou-se sobremaneira do desejo mudancista e da sua vinculação com a campanha Lula, que pela primeira vez obteve maioria no estado. Ganhou também com a atuação decidida dos partidos da

coligação, em especial do PT e do PCdoB. A militância fez a diferença na reta final, através dos comícios, arrastões, do movimento pré-eleitoral e da boca de urna que mobilizou um grande exército de apoiadores.

Estrago tucano

É importante ressaltar, no entanto, que apesar de ir ao segundo turno, a campanha pecou na questão política, ao não fazer a denúncia contundente do estrago feito pelos tucanos durante os oito anos de governo. Errou ainda em não ter realizado movimentos mais decididos para buscar novos apoios, em especial do PMDB.

Alckmin também cresceu na reta final, apoiado na boa utilização do tempo de televisão e, principalmente, no uso da máquina do governo, fazendo barganhas e conquistando apoios na base do fisiologismo. Diz que é governo há apenas um ano e meio, mas mostra as obras dos oito anos. Ou seja, os problemas são culpa do falecido governador Covas e os acertos



Genoino: vitória possível

são todos dele. Esse discurso, além de mentiroso, é desleal. Alckmin foi coordenador do programa de privatização do governo do estado e sempre esteve no centro de decisões do tucanato. É pre-

ciso desmascarar esta farsa, mostrar a destruição feita pelos tucanos e creditar claramente a culpa ao senhor Geraldo, que tenta escamotear sua responsabilidade na tragédia imposta ao estado.

A campanha do segundo turno é curta, exige grande empenho. A diferença que sai na votação do último dia 6 entre Alckmin e Genoino pode ser revertida. Para isso, é preciso extrema sintonia entre a campanha de Lula presidente e Genoino governador. As dificuldades anteriores devem ser superadas e é preciso garantir uma sinergia de esforços e ações.

É preciso também, de maneira política e qualificada, denunciar o legado tucano e imprimir nitidez oposicionista ao discurso de Genoino. Agora, em pé de igualdade na TV e no rádio, é preciso mostrar o estrago feito por Covas/Alckmin e as propostas efetivas para mudar São Paulo.

criar uma polarização entre os continuistas, representados por Alckmin, e os que desejam a mudança, representados por Genoino, pode ser o caminho para, além da

conquista do voto popular, garantir a ampliação de apoios de setores políticos e sociais. A ampliação do apoio à candidatura passa a ser, neste segundo turno, crucial para a vitória e para a governabilidade. Assim, é preciso, com decisão, buscar o apoio do PMDB, PL, PDT, PSB, PPS, e de outros partidos ou segmentos. O apoio dos deputados eleitos, de prefeitos e vereadores é importantíssimo. Conta também a ampliação de apoio que pode ser obtido no movimento social, em especial, no sindical.

Ao lado disso, é preciso incendiar a militância, multiplicar toda a energia que existiu no primeiro turno e canalizá-la para a disputa da presidência e do governo.

A vitória é possível e necessária. Para isso, precisamos levar até o fim a obra que iniciamos no dia 6 de outubro: construir uma vitória que marcará um novo tempo para a história do Brasil e de São Paulo.

*secretário de Comunicação do PCdoB/SP

ELEIÇÕES

Comunistas conquistaram mais de 9 milhões de votos em 6 de outubro

Triunfo novo conheceram os comunistas nestas eleições, com as candidaturas ao Senado. Alcançado o objetivo político de ultrapassar 2% dos votos nacionais no pleito, elegendo 12 parlamentares federais e 17 estaduais, o resultado da votação dos candidatos ao Senado do PCdoB se inscreve como êxito expressivo, com 6.185.951 votos! O Partido somou 9.021.250 votos para o Senado, Câmara Federal e assembleias legislativas. Seja em termos absolutos – Wagner Gomes em São Paulo alcançou quase 3,5 milhões de votos –, seja em termos relativos – 17% dos votos no Distrito Federal e 13% na Bahia, entre outros bons desempenhos –, pode-se dizer que isso é expressão concentrada do aumento da confiança entre o povo e os comunistas. Rio de Janeiro e Amazonas tiveram também votação expressiva. Mesmo onde não foram eleitos parlamentares comunistas, a candidatura ao Senado significou uma presença inovadora e ativa do PCdoB na campanha em nível dos Estados – como é o caso de Alagoas e Paraíba.

Construtores políticos de primeira hora da jornada que leva Lula ao segundo turno, embalado

na maior votação já obtida pela esquerda em toda a história da República, foi natural a inscrição de candidatos ao Senado em diversos Estados, consumando-se em nove deles essas candidaturas. O mesmo ocorreu quanto à indicação do vice-governador, vitorioso, no Estado do Piauí, com Osmar Júnior. Portanto, na “ventania oposicionista” deste outubro eleitoral, o PCdoB se situou em condições de dar passos mais largos na sua projeção e construir novas lideranças eleitorais, indispensáveis ao novo ciclo político que vai se configurando no país. Os comunistas não têm representação no Senado desde a cassação do mandato de Luiz Carlos Prestes em 1947. Também em 1945, o Partido lançou a candidatura por São Paulo de Cândido Portinari, alcunhado de “Senador Furtado” porque, na calada da noite de apuração dos votos, foi alvo de uma clara manipulação dos resultados consagradores alcançados naquele ano.

Resultados positivos

Um balanço mais circunstanciado da experiência de campanha

será produzido pela direção nacional do PCdoB nos próximos dias. Entretanto, ela mostra resultados altamente positivos e motivadores. Trataram-se de candidaturas expressivas, de elevada representatividade política e social, respeitadas no seio das forças da coligação, e cumpriram papel significativo no embate político que leva Lula e o projeto eleitoral dos comunistas à vitória. Na TV, nas mobilizações e comícios, os candidatos ao Senado levaram a voz do PCdoB a novo patamar de visibilidade. Não restaram à margem do processo político, principalmente se se levar em conta que obtiveram esse resultado expressivo em meio a um quadro de disputa bastante acirrada. Ao mesmo tempo, em cinco de nove estados a candidatura e campanha ao Senado se combinaram ao desafio de cumprir o projeto eleitoral principal dos comunistas, que eram as eleições a deputado federal. Foi um papel, portanto, que se inscreve como parte integrante da vitória alcançada.

Eleições ao Senado são majoritárias e, nesse sentido, diferentes da disputa proporcional. Elas são levadas a falar a todos os eleitores, e não apenas a redutos eleitorais

Os resultados dos candidatos comunistas ao Senado

UF	Candidato	Votos	% do total	Colocação
AL	Eduardo Bonfim	126.023	6,5 %	3º lugar
AM	Lucia Antony	144.129	7,0 %	5º lugar
BA	Haroldo Lima	1.266.734	12,9 %	4º lugar
DF	Fredo Ebling	356.408	16,0 %	4º lugar
PA	Neuton Miranda	314.943	6,7 %	5º lugar
PB	Simão Almeida	113.405	3,9 %	6º lugar
RJ	Fernando Gusmão	394.630	2,6 %	7º lugar
RO	Pimenta	3.368	0,3 %	12º lugar
SP	Wagner Gomes	3.466.311	9,9 %	5º lugar
Total		6.185.951		

ou determinados segmentos sociais. O fato de haver dois votos por eleitor este ano, ao mesmo tempo em que favoreceu as candidaturas comunistas, implicou complexo desafio político e de campanha. Por outro lado, não é de se relativizar o enorme peso que representa esse tipo de disputa, em termos materiais e financeiros – claramente desfavorável ao PCdoB –, o que aumenta o mérito dos resultados alcançados. Fica

também o registro da dificuldade dos institutos de pesquisa em mapear as intenções de votos desse pleito, produzindo resultados muitas vezes desconcertados e distantes da realidade – o que, no caso, em geral desfavoreceu essas candidaturas, procurando desmobilizá-las. Isso tudo é parte de um aprendizado neste tipo de pleito, que, ao que parece, vai se incorporar definitivamente à experiência do PCdoB.

Wagner Gomes: ‘Agora é eleger Lula e Genoino e fortalecer o PCdoB’

ELDER VIEIRA

Wagner Gomes, ex-presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores, integrante da coordenação da Corrente Sindical Classista e membro do Comitê Central do PCdoB, que foi candidato do Partido ao Senado em São Paulo, fala sobre as perspectivas do Partido no segundo turno e após as eleições e comenta a experiência de ter sido o comunista que mais votos recebeu nesta eleição.

A Classe Operária: Você obteve cerca de 3,5 milhões de votos. Como avalia esta expressiva votação?

Wagner: Essa votação se deve a uma justa política de alianças desenvolvida pelo PCdoB nestas eleições. Uma política de união de forças e de aposta na luta do povo.

Aí reside a grande força do Partido. A Coligação São Paulo quer Mudança, que reuniu PCdoB, PT e PCB, teve papel destacado em nosso desempenho. Apresentou-se como uma alternativa política consistente para o eleitorado e acabou por forjar um núcleo capaz de governar e promover as mudanças que o estado e o país reclamam. Como somos parte deste núcleo, nos beneficiamos de sua força e de seu prestígio, ao mesmo tempo em que colaboramos com o seu sucesso. Nossa candidatura acabou por ampliar-se; por ganhar a simpatia de amplos setores e de milhões de eleitores. Essa simpatia adveio de um discurso claro de oposição: denunciemos a Alca como política de anexação do Brasil pelos EUA; defendemos a jornada de 35 horas semanais, sem redução de salários e direitos; fomos contra a reforma neoliberal da



Genoino, prefeita Marta, de São Paulo, e Wagner Gomes

CLT por parte de FHC e sua tropa de choque política; dissemos claramente que a dívida externa é um estorvo para o desenvolvimento nacional e que precisava ser revista numa perspectiva soberana. Enfim, nossa votação é devida à força crescente e consistente do Partido, à sua política consequente, à sua militância aguerrida e às nos-

sas propostas claras em defesa do Brasil e dos trabalhadores.

Classe: Quais os desafios daqui pra frente?

Wagner: Agora, é eleger Lula e Genoino neste segundo turno e fortalecer ainda mais o PCdoB, filiando gente e incorporando-a à nossa organização. Saímos vitoriosos do primeiro turno. Lula fez

mais de 46% dos votos válidos, contra aproximadamente 29% de Serra. Genoino saiu de menos de 5% para 32,4%. O candidato à reeleição, Alckmin, do PSDB, terminou essa primeira volta com 38,2%. São somente 5,8 pontos de diferença, que a militância e o sentimento mudancista do povo podem superar. Tanto para confirmar Lula na presidência, como para levar Genoino ao Bandeirantes, é necessário ampliar o leque de forças; unir a oposição e o movimento popular e democrático ainda mais. Criar um movimento cívico pela mudança ainda maior. Nesse movimento, é preciso afirmar o Partido, fazê-lo crescer. A hora é de colher os frutos da primeira semeadura. Filiar e filiar. Organizar inúmeras células de base. Fortalecer e aumentar o número de comitês intermediários. Este é o melhor momento para o PCdoB.

Os novos senadores

Acre

Marina SilvaPT
Geraldinho MesquitaPSB

Alagoas

RenanPMDB
Teotônio Vilela FilhoPSDB

Amapá

PapaléoPTB
CapiPSB

Amazonas

Artur NetoPSDB
Jefferson PeresPDT

Bahia

Antonio Carlos MagalhãesPFL
César BorgesPFL

Ceará

TassoPSDB
Patrícia GomesPPS

Distrito Federal

CristovamPT
PauloctávioPFL

Espírito Santo

Magno MaltaPL
Gerson CamataPMDB

Goiás

Demostenes TorresPFL
Lucia VaniaPSDB

Maranhão

Roseana SarneyPFL
Edison LobaoPFL

Mato Grosso

Jonas PinheiroPFL
SerysPT

Mato Grosso do Sul

Ramez TebetPMDB
DelcídioPT

Minas Gerais

Eduardo AzeredoPSDB
Hélio CostaPMDB

Pará

Ana JúliaPT
DuciomarPSD

Paraíba

Zé MaranhãoPMDB
Efraim MoraesPFL

Paraná

Osmar DiasPDT
Flávio ArnsPT

Pernambuco

Marco MacielPFL
Sérgio GuerraPSDB

Piauí

Heraclito FortesPFL
Mão SantaPMDB

Rio de Janeiro

Sérgio CabralPMDB
Marcelo CrivellaPL

Rio Grande do Norte

Garibaldi FilhoPMDB
José AgripinoPFL

Rio Grande do Sul

ZambiasPTB
PaimPT

Rondônia

Fátima CleidePT
RauppPDT

Roraima

JucáPSDB
Augusto BotelhoPDT

Santa Catarina

Ideli SalvattiPT
Leonel PavanPSDB

São Paulo

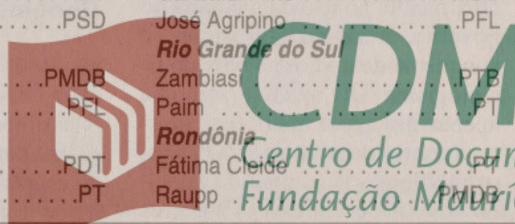
MercadantePT
Romeu TumaPFL

Sergipe

ValadaresPSB
Almeida LimaPDT

Tocantins

Leomar QuintanilhaPFL
João PinheiroPFL



ELEIÇÕES

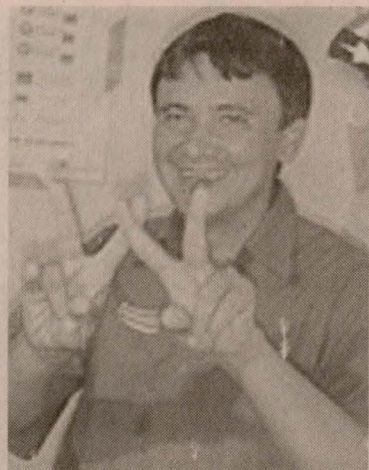
O Piauí avermelhou

JOSÉ CARVALHO RUFINO*

Um vendaval político varreu o Piauí de ponta a ponta. Foi o vendaval da mudança, que tirou de cena as velhas oligarquias, que há mais de meio século dominam o estado. Em seu lugar, o povo elegeu um governo novo, de esquerda, centrado no PT e no PCdoB.

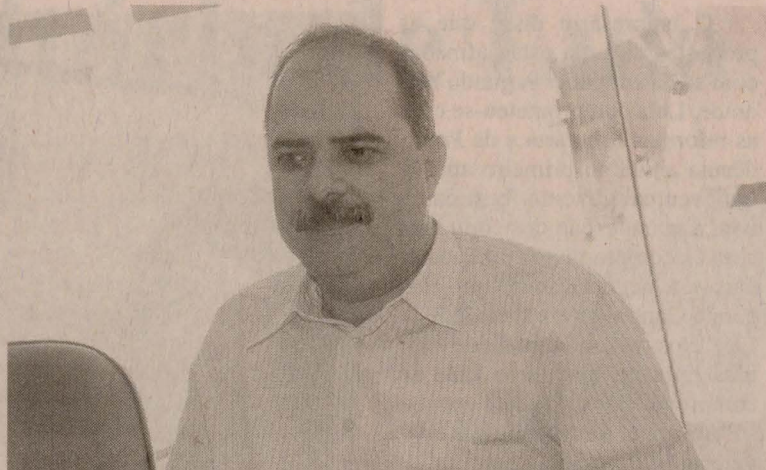
O resultado das eleições no estado foi uma resposta do povo ao ato de força comandado pelas elites nacionais e locais e executado pelo TSE, que retirou o mandato legítimo do governador Mão Santa (PMDB) e do seu vice, Osmar Júnior (PCdoB). Foi também uma demonstração do esgotamento completo do projeto político do grupo comandado pelo atual interventor, Hugo Napoleão, e seus aliados, que forjaram um acordo político com o objetivo de se perpetuar no poder. Mas o povo disse não.

O novo governador eleito é Wellington Dias (PT), deputado federal atuante, que adquiriu o



Wellington Dias, governador

respeito do povo do nosso estado. Com uma campanha simples, baseada em caminhadas por todos os municípios piauienses, e pregando a esperança em dias melhores, ganhou o apoio de amplos setores da sociedade. Defendeu em seu discurso o fim das oligarquias e a construção de um governo democrático, popular e voltado para os interesses dos mais pobres.



Osmar Júnior, vice-governor piauiense e dirigente do PCdoB

O PCdoB teve papel decisivo nessas eleições. Esgotadas as possibilidades de alianças mais amplas, inclusive pela imposição da verticalização das coligações, o Partido defendeu o lançamento de um candidato competitivo, que fosse capaz de aglutinar os dissidentes de outros partidos, afirmando também que os nomes que reuniam essas condições

eram os de Wellington Dias e Osmar Jr. O resultado foi uma vitória expressiva da coligação "A vitória que o povo quer", integrada pelo PT, PCdoB, PL, PAN, PMN e PCB, ainda no primeiro turno, com uma diferença de quase 100 mil votos sobre o candidato do PFL. O grande articulador político da coligação foi o vice-governador eleito Osmar Jr., que bus-

cou o apoio de lideranças do PMDB e PSDB no interior e na capital, o que deu volume e densidade eleitoral à campanha e permitiu a nossa vitória.

O PCdoB elegeu ainda como deputado federal, com a expressiva votação de 73.883, o promotor de Justiça Afonso Gil Castelo Branco, homem que combateu o crime organizado e teve o reconhecimento do povo. Ficou na primeira suplência de deputado estadual o companheiro Olavo Rebelo, que obteve 12.520 votos.

Para o PCdoB, este resultado eleitoral é o coroamento de um política ampla que o Partido desenvolve desde a sua organização no Estado em 1982, quando abraçou como objetivo maior a derrota das oligarquias, símbolos do atraso e do autoritarismo. O Piauí está em estado de graça e o PCdoB tem tudo a ver com isso.

*presidente do PCdoB/PI

Lula no Brasil, Tarso no Rio Grande do Sul

EDSON SILVA*

Também no Rio Grande do Sul haverá eleições dia 27 para governador do Estado. A expectativa era essa mesma, de que a definição ficasse para um segundo turno. Surpreendente foi o candidato Tarso Genro, da Frente Popular (PT-PCdoB-PMN-PCB), chegar em segundo lugar, com 37,25% do eleitorado, frente aos 41,17% de votos conferidos a Germano Rigotto, da coligação PMDB-PSDB-PHS, com apoio do PTB e de parte do PDT. Um susto! Neste caso, o Rio Grande foi apanhado na contramão dos resultados nacionais, marcadamente mudancistas, a começar pela vitória de Lula, reluzente de ponto a ponto do Brasil. Os candidatos a governador do PT, PSB e PDT já resolveram a parada em 6 Estados. As bancadas progressistas, entre as quais a do PCdoB, cresceram significativamente tanto nas Assembleias Legislativas como na Câmara dos Deputados e no Senado.

Trata-se agora de trabalhar com afinco nos próximos dias para confirmar a supremacia da esquerda no Rio Grande do Sul. A meta está ao alcance. Indispensável é ter humildade na interpretação do "recado" que os eleitores quiseram dar nas urnas. Certamente sua vontade não é conservadora, tanto que relegou a um terceiro plano o candidato francamente preferido pelas elites econômicas do Estado, o ex-governador Antonio Britto (referido no artigo "O Desafio é a Razão Superar a Alienação"). Seu resultado não foi além de 12,3% dos votos válidos, depois de sair na frente da corrida eleitoral e de liderá-la até a última semana num confronto polarizado com Tarso Genro.

Esse é um elemento essencial (a largada na frente de Britto) por ser emblemática de um padrão de disputa política ditada pela direita gaúcha (monopólio da mídia, parlamento majoritariamente oposicionista, núcleo dirigente de instituições empresariais) e martelada



Tarso Genro: no segundo turno contra Rigotto

desde o primeiro dia de governo da Frente Popular, orientada por um conjunto de movimentos dirigidos a desconstituir, debilitar e abater a experiência, política e socialmente avançada inaugurada no Estado.

Aos poucos, mas continuada e pesadamente, a nova relação do Estado com a sociedade, democrática e solidária, estimuladora do desenvolvimento econômico desconcentrado e regional, geradora de inclusão social e avessa à proteção de grandes grupos econômicos em detrimento dos que de fato precisam do Estado, foi sendo minada e nublada, a ponto de "dificultar a nitidez das conquistas" - crescimento da produção industrial e agrícola em proporções superiores às do governo anterior e à média do Brasil, menores índices de desemprego, interrupção das privatizações e recuperação das estatais que restaram, aumento do repasse voluntário dos recursos do Estado aos seus 497 municípios, valorização salarial, embora modesta, do servidor público, melhoria da infraestrutura em estradas, energia e saneamento, maior oferta de serviços públicos, etc. Mais do que isso, a disputa pautada pela direita foi potencializando animosidades com privilégios contrariados, hostilizando o ambiente político e

plantando no imaginário social vagas certezas artificiais, que transformaram o governo da Frente Popular num ser exacerbadamente conflitivo. A necessária agenda de inversão de prioridades, foi, em grande medida, assimilada como atitudes de radicalização da ação governamental. A tal ponto de o eleitor comum ser contra o PT sem saber porque. Simplesmente contra! Foi nesse quadro, que a acirrada polarização cuidadosamente construída entre Tarso Genro e o candidato da direita, ex-governador Antonio Britto pelo PMDB e candidato a reeleição pelo "novo" PPS, conformou ainda mais os elementos de hostilidade trabalhados ao longo do governo Olívio Dutra. Fundamentalmente, a campanha atacou e defendeu, em ambos os pólos, até que a candidatura da direita naufragasse, sem que o feito, no entanto, revertesse em crescimento do pólo da esquerda.

Passado o susto, vem um segundo turno de campo aberto e áreas demarcadas, oportuno para o bom debate, propício ao deslindamento de trajetórias e coerência de atitudes que a direita não quer ver cristalizar. Seu candidato, Germano Rigotto, é só casca; alienado como lhe convém, despolitizado como lhe é oportuno, sem passado, sem presente e de um fu-

turo vago. Fica mais "caliente" e convincente falar de Assembleias Populares que votam prioridades do investimento público, ao invés de decisões tomadas por agentes econômicos e políticos da intimidade do Poder; do rigor no combate à sonegação e da adoção de medidas estimuladoras dos que cumprem com suas obrigações tributárias legais; do reordenamento da política fiscal do Estado, substituindo a dação (mediante renúncia) de receita do Tesouro a poucos e grandes grupos econômicos; da canalização dos incentivos tributários de acordo com a lógica da desconcentração regional do desenvolvimento econômico; do beneficiamento a quem de fato precisa do Estado para impulsionar empreendimentos; dispêndio de recursos públicos com redes de proteção social a famílias desamparadas; do diálogo e da convivência civilizada com tantos quei-

ram contribuir para o progresso social.

A campanha de Tarso Genro e a militância da Frente Popular têm o desafio de contagiar o eleitorado nem tanto (nem só) pela racionalidade dos números que ilustram as belas realizações de governo mas com a magia da generosidade de que somos portadores, pela utopia libertária e humanista que nos ilumina. A tarefa não comporta exclusivismos. Bem ao contrário, é de todos. É tempo de reconquistar a confiança subtraída, de refazer expectativas. De reencantar, de tocar corações e mentes!

Sou PCdoB, voto Lula, voto Tarso para sublimar a esperança transformadora.

*economista e secretário de Estado das Obras Públicas e Saneamento do Rio Grande do Sul, membro do Comitê Central

ASSINE



A CLASSE OPERÁRIA

Alameda Sarutaiá, 185, CEP 01403-010, Jardim Paulista, São Paulo, SP
Tel.: (11) 3054 1800 Correio eletrônico: classe@pcdob.org.br

12 edições = R\$ 20,00

Pagamento:

- ☐ Cheque nominal
☐ Dinheiro
☐ Vale postal nº

- ☐ Cartão nº
Validade
☐ Depósito na conta
Ag.0251
C/C 48676-7, Banco Itaú

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade:

CEP: Estado:

Data de nascimento:

Tel.: ()

Profissão:

Correio eletrônico:

Data da assinatura:

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

ELEIÇÕES

A oposição unida com Lula

E há muito o PCdoB envida esforços para forjar amplas alianças agrupando as correntes e partidos oposicionistas e democráticos contra o neoliberalismo. Essa necessidade premente visa o desmascaramento da atual política e a proposição de um novo governo, embasado num novo pacto político e social.

No primeiro turno a vontade do povo tornou-se evidente: basta de continuísmo! Chegam ao segundo turno dois candidatos, o representante do povo, da mudança, Luis Inácio Lula da Silva; e outro, o representante do continuísmo: José Serra (PSDB). No segundo turno, a oposição está unida em torno de Lula.

Apoio de Garotinho

O terceiro colocado no primeiro turno da disputa presidencial, com 15,2 milhões de votos, Anthony Garotinho, adiantou-se à deliberação do PSB sobre o segundo turno e declarou seu apoio a Luiz Inácio Lula da Silva, decisão ratificada pelo presidente nacional da legenda e figura histórica das forças progressistas, o deputado Miguel Arraes. O apoio é incondicional: "Não há exigência nenhuma", esclareceu Arraes. Segundo Garotinho, o apoio do PSB não será "de faz de conta". "Fosse eu, o Garotinho (Anthony Garotinho, candidato do PSB) ou o Ciro (Ciro Gomes, da Frente Trabalhista) o vencedor, estaríamos juntos", assegurou o candidato do PT. "A nossa relação com o PSB é uma relação irmã. E se colocarmos numa calculadora, na maioria das vezes, dois terços das vezes, trabalhamos em conjunto", disse ainda Lula.

Ciro e Paulinho

O quarto colocado, Ciro Gomes, com 10,2 milhões de votos, também declarou seu "apoio irrestrito e entusiástico" ao candidato da coligação PT-PL-PCdoB-PMN-PCB. No primeiro turno, o PTB integrou com o PPS e o PDT a Frente Trabalhista, indicando Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força Sindical, para vice de Ciro Gomes. "Voto no Lula por uma questão de coerência. Fiz campanha no primeiro turno criticando o modelo econômico, as dificuldades dos trabalhadores, afinal são 12 milhões de desempregados. Para mudar o modelo econômico, tem que ser outro governo que não esse que aí está, e o melhor para o país é o Lula", argumentou Paulinho.

Adesão mineira

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Robson Braga de Andrade, também se somou aos políticos mineiros e declarou apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Embora tenha afirmado que a entidade é "pluralista" e não pode se posicionar politicamente, Andrade disse que uma pesquisa recentemente encomendada pela Fiemg revelou que os empresários mineiros apoiam majoritariamente o candidato a vice de Lula, José Alencar – que já presidiu a Fiemg –, e Lula.

O empresário disse que as propostas de Lula estão afinadas com as da entidade. Segundo Andrade, Lula comprometeu-se com as reformas tributária e da Previdência ainda no primeiro ano de um eventual governo, bem como com a manutenção dos contratos, com os compromissos internacionais e a negociação de projetos com o Congresso e a sociedade.

"Nós estamos pedindo que haja uma mudança e o Lula se comprometeu exatamente com isso", afirmou, ressaltando que falava como empresário. "Precisamos de alguém que valorize mais o mercado interno, que apóie a indústria nacional, que privilegie o trabalho e deixe de ver o país como apenas um grande banco".

O PMDB de Minas Gerais selou a sua união em torno da candidatura da mudança. Anunciaram sua integração à campanha de Lula, o deputado federal Saraiva Felipe, em nome da executiva estadual do PMDB; o deputado federal eleito Júlio Delgado, que expressou a opinião da executiva estadual do PPS; e o presidente estadual do PDT, Manoel Costa. Representando o governador Itamar Franco, o secretário Alexandre Dupeyrat reafirmou o apoio do governador, cumprimentando Lula e José Alencar pela expressiva votação do 1º turno. Estavam presentes também representantes do PMN, PCB e PCdoB.

O presidente da Executiva Estadual do PMDB em Minas, deputado Saraiva Felipe, anunciou o apoio formal do diretório mineiro à candidatura Lula (o PMDB, oficialmente, está coligado com o PSDB de Serra). Saraiva Felipe disse que irá caminhar pelos 853 diretórios de Minas e visitar os 238 prefeitos do PMDB no Estado, orientando para que apoiem Lula. De acordo com ele, o partido não irá constranger as lideranças que preferam apoiar outro candidato.

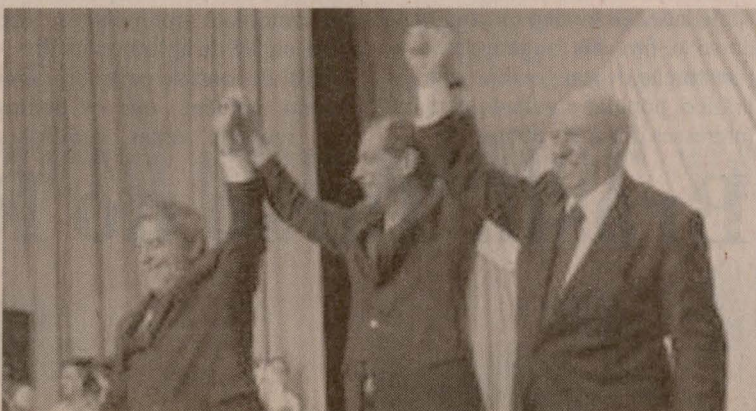
Também o vice-governador eleito na chapa do tucano Aécio Neves e presidente da Confederação Nacional do Transporte (CNT), Clésio Andrade manifestou publicamente sua decisão de votar em Lula no segundo turno da eleição presidencial. O apoio causou surpresa nos meios políticos de Minas e em Brasília, pois não bastasse compor chapa com Aécio Neves, Clésio é presidente regional do PFL mineiro. "Tenho dificuldade de acompanhar José Serra (candidato governista). Já tinha falado isso ao companheiro Aécio Neves, que conhecia a minha posição desde o início, quando fizemos essa grande aliança em Minas para o governo do Estado. Eu já tinha essa posição e continuo nela, não vou apoiar José Serra. Voto em Lula", disse, ao justificar sua decisão.

Se depender do apoio do governador de Minas Gerais e ex-presidente Itamar Franco, o candidato petista pode considerar-se vitorioso também nesse estado. "Minas Gerais lhe deu expressiva votação. Isso deve ter tocado o seu coração, Lula. Fique à vontade, esse palácio é seu, Minas é sua", declarou Itamar.

A idéia do apoio a Lula prosperou entre os trabalhistas depois de uma conversa de Martinez com



Garotinho: apoio não será "de faz de conta"



Ciro: "apoio irrestrito e entusiástico"



Itamar: "Minas Gerais lhe deu expressiva votação"

o presidente nacional petista, José Dirceu, logo após o primeiro turno. Pesaram também os entendimentos entre PTB e PDT, tendo em vista uma reunificação das duas legendas trabalhistas. O presidente do PDT, Leonel Brizola, desde o primeiro turno vinha sinalizando a necessidade de apoiar Lula.

O líder do grupo dissidente do PMDB fluminense, deputado estadual Jorge Picciani, primeiro secretário da Assembleia Legislativa do Rio, lidera um grupo de deputados estaduais e vereadores que declarou apoio a Lula em uma reunião que ocorreu pouco antes do primeiro turno. Na ocasião, o presidente regional do Partido, Moreira Franco, condenou o ato e ameaçou levar o caso à Procuradoria Jurídica da legenda, para avaliar possíveis infrações ao estatuto partidário. O engajamento dos peemedebistas na campanha de Lula foi acertado em reunião com a governadora petista Benedita da Silva.

José Dirceu reputa importância fundamental ao fato do PT, junto com os demais partidos de oposição, inclusive os setores do PMDB que apoiaram Lula, terem configurado uma maioria no Congresso, fator imprescindível para garantir a estabilidade do próximo

presidente. "Lula já tem governabilidade garantida com o setor do PMDB que nos apoiou. Vamos trabalhar com Ciro e Garotinho e todos que apóiam Lula passam a criar condições para um pacto de transição e para governar o país", ressaltou.

Reforço de Roseana

A senadora eleita pelo PFL do Maranhão, Roseana Sarney, do leito de um hospital paulistano onde se internou para uma cirurgia, declarou seu apoio a Lula. "As pessoas querem mudança porque percebem que o Brasil hoje não é estável, está extremamente vulnerável". No entanto, o governo, talvez no esforço até agora fracassado de alavancar a candidatura oficial, tem insistido em atribuir à oposição os atuais problemas, como a crise cambial, com declarações que o presidente nacional do PT, deputado federal José Dirceu (SP), considera impatrióticas.

Questão de destacada importância, segundo Dirceu, foi a diferença entre apoios recebidos e negociações com a oposição para o segundo turno. "Será necessária uma negociação original. Acredito que Roberto Amaral, do PSB, já deixou claro que terá de ser um acor-

do programático. Nós não divergimos sobre alianças. Lula recebeu apoio de ACM e Sarney sem constrangimentos. Agora, acordo político programático nós fazemos com os partidos de oposição. Quero lembrar que o PT apoiou a eleição de governadores de oposição como os que foram eleitos em 1998 pelo PSB, como Garotinho, Ronaldo Lessa e João Capiberibe. Somos partidos que atuam juntos", declarou o dirigente petista.

Eleitor quer oposicionistas unidos

A oposição unida tem diante de si o grande desafio de conquistar a confiança do povo. Só esta unidade será capaz de barrar a continuidade da nefasta era FHC e garantir a governabilidade para um novo projeto de Brasil, que substitua o atual modelo neoliberal.

De acordo com algumas pesquisas de opinião realizadas a respeito do segundo turno, a maioria dos entrevistados acha que tanto Anthony Garotinho (PSB) quanto Ciro Gomes (PPS), candidatos derrotados à Presidência, deveriam apoiar Lula no segundo turno, fato já concretizado. O percentual dos que acham que Garotinho deveria apoiar Lula é o mesmo dos que defendem o apoio de Ciro ao petista, 59%.

Entre os eleitores que declararam ter votado em Garotinho no primeiro turno, 45% defendem o apoio a Lula e 42% prefeririam que o candidato apoiasse Serra; entre os que declararam ter votado em Ciro, 50% acham que seu candidato deveria dar seu apoio ao petista e 33% prefeririam que o apoio fosse dado a Serra.

Novo rumo para o Brasil

Cresce a consciência de que a mudança em favor de novas forças políticas e sociais – defensoras, fiadoras e mediadoras das reivindicações dos grandes contingentes populares e médios – é a saída para uma nova situação; que possam alcançar conquistas nacionais e democráticas, atender aos apelos populares e atingir um patamar de maior equilíbrio e estabilidade política. A candidatura de Lula vai se impondo com as mar-
da a sua crescente influência em largos contingentes da população.

INTERNACIONAL

O aniversário da Revolução Chinesa

JOSÉ REINALDO CARVALHO*

Neste 1º de outubro, a República Popular da China completou 53 anos de existência. A data é marcante não somente para a imensa população chinesa, mas para todo o mundo. A Revolução triunfante naquela data mudou a face da China e interferiu no curso dos acontecimentos mundiais. Inscreve-se entre os grandes acontecimentos do século XX, um dos fatos mais auspiciosos da história universal.

O grande país asiático, a partir da decadência do Império Celestial da dinastia Qing (1644-1911), tornara-se presa dos potentados internacionais. A proclamação da República em 1911 pelo dr. Sun Yat-Sen foi um passo adiante no rumo da democracia e da afirmação dos interesses nacionais. Mas a ação de forças centrífugas, desintegradoras e o militarismo exacerbado dos "senhores de guerra", oligarcas de províncias, mantiveram o país estagnado e ameaçado de divisão e ocupação estrangeira. O novo regime republicano democrático-burguês mostrou-se limitado e incapaz de conter a cobiça das potências estrangeiras, principalmente o Japão.



Mao: principal dirigente do PC e da Revolução Chinesa

A China amadurecia para a Revolução. Desde o 4 de maio de 1919, quando eclodiram as manifestações estudantis combinadas com um boicote popular às mercadorias japonesas, até o 1º de outubro, quando o Exército Popular, dirigido pelo Partido Comunista, venceu a guerra contra o Exército do Kuomintang, a história da China é a história da revolução democrática e popular. Revolução que percorreu caminhos complexos, ínvias encruzilhadas, conheceu altos e baixos, avanços e recuos e deixou para as gerações seguintes um rico manancial de experiên-

cias e ensinamentos nos complicados domínios da estratégia e da tática. Em todo esse processo, avultou o papel do Partido Comunista, fundado em 1921, e de Mao Tse-tung, o líder da Revolução. O Partido foi o elemento consciente, a força dirigente, o fator subjetivo principal para a organização e a mobilização do povo em armas.

A República Popular, fundada em 1949, redimiu o país. Tendo o socialismo como meta, o novo regime rompia com todo o passado de opressão e descortinava novos horizontes. Findava ali a ocupação estrangeira. Era liquidada para

sempre a dominação colonial. Terminava a opressão dos camponeses pelos grandes latifundiários. Surgia uma nova China no mundo. Na história multimilenar do país, pela primeira vez o povo era dono do seu destino.

Abriu-se assim uma nova etapa histórica. Uma reforma agrária ampla e profunda garantiu a terra aos camponeses. Teve início a reconstrução do país e o soerguimento sócio-econômico, com a construção de grandes complexos industriais. A construção do socialismo dava os primeiros passos.

Decorreu já mais de meio século desde o início da caminhada do povo chinês para uma nova sociedade. Foi um período também marcado por avanços e recuos, erros e acertos que propiciaram amplo aprendizado. A experiência mostrou o grau de complexidade que é construir o socialismo num país atrasado, herdeiro de resquícios feudais à época da Revolução. Um desafio à teoria, à inventividade da força de vanguarda, à sua capacidade de dar respostas eficazes a problemas novos, em que as receitas dogmáticas são o atalho para o fracasso.

Hoje, o Partido Comunista

Chinês compreende com clareza que a tarefa de construir o socialismo corresponde a várias gerações. Será um caminho longo que preencherá muitos períodos históricos. Fator fundamental para isso é o desenvolvimento das forças produtivas para construir a base material e técnica que sustentará a construção de uma sociedade avançada.

A China atravessa mais um aniversário da Revolução Popular imersa num grande movimento transformador, experimentando um vertiginoso desenvolvimento econômico, dando passos seguros na eliminação da pobreza e na conquista do progresso social. Num contexto histórico difícil para as forças revolucionárias no mundo, o socialismo com peculiaridades chinesas vai se consolidando, inovando em relação a todas as demais experiências de construção do socialismo e mantendo-se fiel aos nobres ideais revolucionários que inspiraram a grande epopéia triunfante em 1º de outubro de 1949.

*vice-presidente e secretário de Relações Internacionais do PCdoB

Intellectuais norte-americanos contra a guerra de Bush

Mais de 4 mil artistas, intelectuais, acadêmicos e dirigentes religiosos norte-americanos apelam à resistência contra a política belicista e repressiva do presidente George W. Bush. "Que não se diga que nos EUA as pessoas não fizeram nada quando o seu governo declarou uma guerra sem limites e instaurou novas medidas repressivas. Os subscritores deste apelo convidam a população a resistir às políticas e às diretivas gerais que emergiram após o 11 de Setembro e que ameaçam gravemente os povos do mundo." Assim começa o documento que conta, entre os seus assinantes, com Gore Vidal (escritor), Robert Altman (diretor de cinema), Susan Saradon (atriz), Laurie Anderson (compositora, dramaturga), grupo Ozomatli (banda de rock de Los Angeles), Oliver Stone (diretor de cinema), Kurt Vonnegut (escritor) e Noam Chomsky (acadêmico). Os responsáveis por esta iniciativa dizem não reconhecer ao governo Bush o direito de falar em nome de todos os norte-americanos e apelam aos seus compatriotas para que lutem contra os desígnios agressivos da Casa Branca. Leia a íntegra do texto na íntegra:

Em nosso nome, não!

Que não se diga que nos EUA as pessoas não fizeram nada quando o seu governo declarou uma guerra sem limites e instaurou novas medidas repressivas. Os subscritores deste apelo convidam a população a resistir às políticas e às diretivas gerais que emergiram após o 11 de Setembro e que ameaçam gravemente os povos do mundo.

Acreditamos que as pessoas e as nações têm o direito de determinar o seu próprio destino, livres de qualquer coerção militar das grandes potências. Acreditamos que todas as pessoas presas ou perseguidas pelo governo norte-americano devem ter os mesmos

direitos. Questionar, criticar e discordar são atitudes que devem ser valorizadas e protegidas.

Acreditamos que as pessoas conscientes devem assumir a responsabilidade das ações dos seus governos e opor-se em primeiro lugar às injustiças cometidas em seu nome. Convidamos todos os norte-americanos a resistir contra a guerra e a repressão lançadas sobre o mundo pela administração de Bush. É injusta, imoral e ilegítima. Façamos uma causa comum com os povos do mundo.

Observamos com angústia os terríveis acontecimentos do 11 de Setembro de 2001. Também choramos as milhares de vítimas inocentes e horrorizamos-nos perante a terrível carnificina, que nos trouxe à memória cenas semelhantes em Bagda, Panamá ou, há uma geração, no Vietnã. Como milhões de norte-americanos, interrogamos-nos como era possível que uma coisa destas tivesse acontecido.

Mas enquanto a dor estava apenas no começo, as mais altas instâncias desencadearam o seu espírito de vingança. Escolheram um lema simplista: "os bons contra os maus", que imediatamente foi adoptado pelos meios de comunicação submetidos e acovardados. Disseram-nos que o simples fato de fazer perguntas sobre estes terríveis acontecimentos roçava a traição. Não devia haver nenhum debate. Não havia lugar para dúvidas éticas ou políticas. A única resposta possível era a guerra no exterior e a repressão dentro de casa.

Em nosso nome, a administração Bush, com a quase unanimidade do Congresso, atacou o Afeganistão e arrogou-se, com os seus aliados, o direito de destruir forças militares em qualquer lugar e momento. As brutais repercussões fizeram-se sentir desde as Filipinas à Palestina, onde os tan-



Susan Sarandon: manifesto pela vida e democracia

ques e os bulldozers israelitas trilharam um terrível caminho de morte e destruição. E o governo dispõe-se agora a empreender uma guerra total contra o Iraque, país que não tem nenhuma relação com os fatos do 11 de Setembro. Que espécie de mundo será este se se permitir ao governo dos Estados Unidos lançar comandos, assassinos e bombas onde quer que lhe apeteça?

Repressão injusta e imoral

Em nosso nome, o governo criou nos Estados Unidos duas classes de cidadãos: aqueles a quem pelo menos se promete os direitos básicos do sistema legislativo e aqueles que agora parecem não ter direito nenhum. O governo prendeu mais de mil imigrantes e encarcerou-os em segredo e sem limite de tempo. Centenas de pessoas foram deportadas e centenas continuam na prisão. Pela primeira vez em décadas os procedimentos de imigração submetem determinadas nacionalidades a um tratamento desigual.

Em nosso nome, o governo desencadeou uma onda de repressão na sociedade. O porta-voz do presidente intimidou as pessoas

dizendo que "tenham cuidado com o que dizem". Os artistas, intelectuais e professores dissidentes vêem os seus pontos de vista distorcidos, atacados e silenciados. O chamado Patriot Act, juntamente com um sem fim de medidas similares em diversos estados, dá à polícia novos e mais amplos poderes de investigação e seqüestro, com cobertura de procedimentos secretos.

Em nosso nome, o Executivo usurpou constantemente os papéis e funções das outras áreas do governo. Uma ordem executiva pôs em funcionamento tribunais militares. Uma assinatura presidencial basta para definir como "terrorista" um determinado grupo de pessoas. Devemos levar muito a sério os governantes quando falam de uma guerra que durará uma geração e de uma nova ordem. Acharo-nos perante uma nova política imperial face ao mundo e uma política interna que gera e manipula o medo para limitar os direitos.

Há uma estratégia mortal nos acontecimentos dos últimos meses, que deve ser vista como o que é, frente à qual há que resistir. Demasiadas vezes na história as pessoas esperaram para resistir

até quando já era demasiado tarde. O presidente Bush declarou: "Ou conosco ou contra nós". Esta é a nossa resposta: rejeitamos que fale em nome de todos os norte-americanos. Não entregaremos as nossas consciências a troco de uma falsa promessa de segurança. Dizemos: em nosso nome, não. Negamo-nos a fazer parte destas guerras e rejeitamos todas as ações empreendidas em nosso nome ou em nome do nosso bem-estar. Estendemos a mão aos que no mundo sofrem em consequência destas decisões.

Unidade para enfrentar o desafio

Mostraremos com palavras e atos a nossa solidariedade. Os subscritores deste apelo convidam todos os norte-americanos a unir-se a este desafio.

Aplaudimos e apoiamos as propostas em curso, uma vez que reconhecemos a necessidade de fazer muito mais para pôr fim a esta loucura. Inspiramo-nos na decisão dos reservistas israelitas que, assumindo um risco pessoal, declaram que há um limite e se negam a servir em Gaza e nos territórios ocupados.

Inspiram-nos numerosos exemplos de resistência e consciência que nos oferece a história dos Estados Unidos: desde os que combateram a escravidão até aos que puseram fim à guerra do Vietnã desobedecendo a ordens, negando-se a se incorporar nas fileiras e apoiando os que resistiam.

Não permitiremos que o mundo que nos contempla se desespere pelo nosso silêncio e pela nossa incapacidade de ação. Façamos com que possa sentir o nosso espírito de resistência. Resistiremos à máquina de guerra e à repressão e faremos tudo o for possível para a deter.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grubis

Lula:

‘Vitória mais próxima do que nunca’

RITA POLLI

O “Encontro da Governabilidade”, no Hotel Meliá, reuniu cerca de 500 pessoas na tarde deste sábado, em São Paulo, quase a metade delas com mandatos conquistados nas urnas dia 6 de outubro. O objetivo foi reforçar os apoios à candidatura Lula na reta final da campanha rumo à vitória no segundo turno das eleições.

Na parte da manhã as lideranças políticas dos nove partidos que agora apóiam a Frente Brasil Esperança gravaram mensagens para o horário eleitoral gratuito. PT, PCdoB, PL, PMN e PCB apoiaram Lula já no primeiro turno. O PPS, PDT, PSB e PTB somam-se agora à coligação.

Renato: “Todas as energias para garantir a vitória”

Estiveram presentes os dois governadores do PT eleitos no primeiro turno: Jorge Viana, do Acre, e Wellington Dias, do Piauí; e os que disputam o segundo turno: Dalva Figueiredo, Amapá; Zeca do PT, Mato Grosso do Sul; José Airton, Ceará; José Eduardo Dutra, Sergipe; Maria do Carmo, Pará; e Geraldo Magela, Distrito Federal; além de Benedita da Silva, governadora do Rio de Janeiro, Olívio Dutra, governador do Rio Grande do Sul, e Paulo Hartung, senador pelo PSB, eleito governador do Espírito Santo.

A quase totalidade das bancadas federais e estaduais/distritais do PCdoB, PT, PL, PMN, PCB, PPS, PDT, PSB e PTB reforçou o ato político iniciado às 14 horas pela prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Ela compôs a mesa com as principais lideranças, entre elas Renato Rabelo, presidente do PCdoB. Em seu discurso, Renato lembrou que os resultados do primeiro turno já demonstram que o povo votou pela mudança: “quase 77% estão querendo outro rumo para o país e isso requer outro projeto, outro programa para acabar de uma vez com a dependência. Lula é isso, é a resposta a esse anseio e nós do PCdoB vamos voltar todas as energias para garantir essa vitória”.

Miguel Arraes foi representado por Roberto Amaral, vice-presidente do PSB. Ele afirmou estar entusiasmado por encontrar-se mais uma vez ao lado companheiros dos partidos que compuseram a Frente Brasil Popular em 1989, na luta em defesa de reformas na política salarial contra o capital especulativo e por uma sociedade mais justa para não só eleger, mas dar sustentação ao próximo governo.

Ciro: “Não podemos perder a chance”

O ex-presidenciável Ciro Gomes, do PPS, foi contundente ao pedir que a con-



Renato Rabelo, do PCdoB, no Encontro da Governabilidade: “Todas as energias para garantir a vitória”

fiança recebida de cada eleitor seja agora transferida para Lula: “esta talvez seja a única chance de mudar o Brasil. Não podemos perdê-la”, afirmou.

O deputado federal reeleito por São Paulo, João Herrmann, falou em nome de Roberto Freire, presidente do PPS. Ele lembrou com emoção os guerreiros do passado: “parece sonho, mas podemos dizer que os mártires de ontem, os guerrilheiros do Araguaia, estariam orgulhosos do nosso esforço de redimensionar o país e completar o trabalho iniciado por eles para levar o Brasil a um outro patamar”.

Neiva Moreira (PDT/RJ) discursou no lugar de Leonel Brizola e lembrou os milhões de brasileiros que passam fome em função da dependência econômica e depositam em Lula a esperança da mudança. “Devemos ter cuidado. O nosso adversário não está dormindo e sabe que vai perder, por isso temos que multiplicar mil vezes a nossa luta em todos os dias que faltam para o segundo turno”.

Impressionante presença parlamentar

Deputados federais do PCdoB, atuais e agora eleitos, compareceram ao ato: Haroldo Lima, líder da bancada; Alice Portugal (BA); Daniel Almeida (BA); Agnelo Queiroz (DF); Sergio Miranda (MG); Jandira Feghali (RJ); Jamil Murad (SP); Aldo Rebelo (SP); Vanessa Grazziotin (AM); Inácio

Arruda (CE), além do deputado estadual paulista Nivaldo Santana e do vice-governador eleito do Piauí, Osmar Júnio. Walter Sorrentino, coordenador nacional da campanha Lula, e Ronald Freitas da Executiva Nacional do Partido, estiveram também presentes.

Para Alice Portugal, o encontro foi emblemático, pois reforça a campanha no segundo turno. “Sabemos que as tensões serão gigantescas para constituir o impedimento do crescimento e da confirmação do voto no Lula. As pressões já se iniciaram com o terror econômico e nós não temos dúvidas de que o governo, instruído pelas instâncias maiores da estratégia neoliberal, estará firmando sabotagem de todo o jeito contra a nossa vitória. Eu, como deputada federal recém-eleita, me senti na obrigação de partilhar com meus companheiros de bancada esse importante momento”, garantiu satisfeita com a substancial votação das bancadas do PCdoB em todo o Brasil.

O PT compareceu com 79 deputados federais, 65 deputados estaduais e nove senadores. O PL levou 20 deputados federais e 2 senadores: Marcelo Crivala (RJ) e Magno Malta (ES). O cantor Gilberto Gil acompanhou Alfredo Sarkis, presidente do PV. A deputada federal reeleita por São Paulo, Luiza Erundina, e o também reeleito deputado federal dr. Evilásio, representaram o PSB, e o PDT compareceu com o senador eleito por Roraima, Augusto Botelho e Miro Teixeira, deputado federal (RJ). O

PCB estava representado pela secretária política Zuleide Faria de Melo.

Lula: “A vitória está próxima. Vamos a ela”

José Dirceu, presidente do PT, ressaltou que a coalizão conservadora está esgotada e é ela a grande derrotada. “Vamos mostrar ao Brasil a nossa capacidade de governar com honestidade, combatendo a pobreza e a corrupção para fazermos o que o povo espera de nós. Vamos enfrentar o adversário e mostrar que o povo votou nesta aliança e disse sim à Frente Brasil Esperança e é com esse apoio que nós vamos chegar à vitória”, afirmou.

“Não podemos desativar nossos comitês de campanha até o dia 27”, afirmou Lula ao final do ato. Ele conclamou a militância de todos os partidos a reforçar os comitês domiciliares e fazer com que a campanha cresça em todo o Brasil em apoio aos candidatos a governador. Lula agradeceu o apoio dos partidos aliados, lembrou que a vitória dos deputados eleitos se deve também à soma dos votos dos não eleitos e agradeceu a todos os coordenadores da campanha, assim como ao presidente do PT José Dirceu, ao vice, José Alencar, ao ex-deputado Luiz Gushiken e ao publicitário Duda Mendonça. Lula disse ainda que agora a campanha vai colher o que plantou em todo o país: “A vitória está mais próxima do que já esteve em qualquer momento da nossa história. Vamos a ela”, afirmou.

IMPRESSO



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Alameda Sarutaiá, 185 - Jardim Paulista, São Paulo - SP
CEP 01403-010 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3054 1800

